

Universidade Estadual de Campinas
Faculdade de Educação Física

FABIANO FILIER CAZETTO

**Ensaio Provisório sobre alguns
aspectos relevantes para o
entendimento tático do Judô tendo em
vista a formação global do indivíduo.**

Campinas

- 2004 -

FABIANO FILIER CAZETTO

**Ensaio Provisório sobre alguns
aspectos relevantes para o
entendimento tático do Judô tendo em
vista a formação global do indivíduo.**

Monografia apresentada como
requisito para a conclusão do
curso de Licenciatura em
Educação Física pela Faculdade
de Educação Física da
Universidade Estadual de
Campinas, sob orientação do Prof.
Dr. Roberto Rodrigues Paes e Co-
Orientação do Prof. Dr. Alcides
Scaglia.

Campinas

- 2004 -

FABIANO FILIER CAZETTO

**Ensaio Provisório sobre alguns
aspectos relevantes para o
entendimento tático do Judô tendo em
vista a formação global do indivíduo.**

BANCA EXAMINADORA

Prof. Dr. Roberto Paes
Orientador

Prof. Dr. Alcides Scaglia
Co-Orientador

Prof. Dr. Júlio Gavião
Avaliador externo

Dedicatória

Dedico este trabalho a todos aqueles que se empenham cotidianamente ao exercício da docência. Em especial àqueles que o fazem do fundo do coração, que superaram as idéias de pura transmissão do conhecimento, fazendo de seus procedimentos educativos gestos suaves e cadenciados, passando quase que despercebidos em meio à sinfonia educativa. Àqueles que gostam de ensinar. Àqueles que fazem do processo educativo mais do que pensamento, que o tornam sentimento, arte.

Agradecimentos

Ao meu orientador, que pacientemente vem me orientando durante todos esses anos de graduação, a quem devo detalhes preciosos sem os quais, muito mais do que o trabalho de conclusão de curso, não teria se formado boa parte da minha ação pessoal e profissional.

A meu Pai.

A minha Mãe.

A minha irmã, que me ensina sem precisar me dizer nada.

Ao professor Julio Gavião, com quem aprendemos o valor do sorriso e da brincadeira, ferramenta indispensável ao educador e a vida.

Ao professor Alcides, cujas palavras e exemplo de competência acadêmica e profissional servem de inspiração.

Aos amigos da Quilombo, com os quais aprendo a cada dia.

Aos professores de Antigamente.

Ao professores de agora, em especial Edison, Mara Patrícia, Nana, Rafael Madureira, Adilson.

A meu primeiro sensei Ronaldo Magno Ribeiro que me conduziu com maestria nos primeiros passos do Judô.

A meu mestre de Jiu-Jitsu Marcelo Ferreira que me lembrou do prazer de lutar, o valor do guerreiro.

Aos amigos do Jiu-Jitsu.

A meus alunos grandes, com os quais muitas vezes fui duro de mais, mas que mesmo assim souberam me retribuir com o valor inestimável de sua aprendizagem e amizade.

A meus alunos pequenos, que quem sabe um dia leiam essa obra, com os quais se aprende em um gesto mais do que se pode levar uma vida inteira para aprender por outros caminhos.

Ao meu amigo Pablo, sem o qual boa parte das questões metodológicas não teriam sido resolvidas.

Ao professor Orozimbo pela atenção em enviar sua monografia que ajudou enormemente neste trabalho.

A essa força maior que nos faz caminhar, mesmo sem saber de onde ou para onde, mas pelo puro e simples prazer da viagem.

Aos voluntários, que aceitaram participar da pesquisa, sem eles e sua incessante busca pelo engrandecimento do Judô nada disso seria possível.



Resumo

A Educação Física foi abordada neste estudo enquanto uma área interdisciplinar que estuda o ser humano na sua integralidade. O esporte é um fenômeno da cultura corporal, o Judô é uma de suas manifestação a qual são atribuídos inúmeros significados. Neste estudo esta modalidade foi investigada como um conteúdo da área de conhecimento Educação Física. Foram coletados dados através de entrevistas e observados conteúdos das aulas no município de Campinas por amostragem não-probabilística. A construção dos questionários e a posterior análise crítica dos dados coletados foi quantitativa e qualitativa, tendo como pressupostos teóricos a literatura relativa à pedagogia do esporte no âmbito da iniciação. Os ambientes pesquisados se dividiram em três grupos: clubes, academias e escolas. Os entrevistados relatam que iniciaram a prática esportiva antes da idade adulta, sendo que maioria iniciou a prática com sete anos ou menos. A maior parte dos indivíduos entrevistados relatam ser formados em Educação Física, afirmando ser naturais de Campinas e do sexo masculino. A natureza da pesquisa permite apontar para tendências neste ambiente, porem não permite constatações, sinalizando assim a necessidade de pesquisas probabilísticas num âmbito maior. A proposta pedagógica se fundamenta no referencial teórico e na colaboração dos professores entrevistados, tomando com pressupostos que através de situações de luta, entendimento tático, podem ser pensadas atividades que contribuam para o desenvolvimento global do indivíduo. Repensar a ação educativa é uma necessidade constante, sempre surgirão novas questões a serem pensadas, dada proposta pedagógica com o passar do tempo não servirá mais às reais necessidades

.....



Universidade Estadual de Campinas

Faculdade de Educação Física



VI

do indivíduo em sua vida social, as novas propostas contemplarão algumas dificuldades deixando de lado outras. Este será o processo contínuo no qual tentaremos desenvolver de forma coerente o ser humano em sua integralidade.

Palavras Chaves

Educação Física – Esporte - Judô



Abstract

The Physical Education was approached in this study while an interdisciplinary area that studies the integral human being. The sport is a phenomenon of the corporal culture, Judo is one of their manifestation which countless meanings are attributed. In this study the modality was investigated as a content of the area of knowledge Physical Education. Data were collected through interviews and observed contents of the classes in the municipal district of Campinas for no-probability sampling. The construction of the questionnaires and the subsequent critical analysis of the collected data was quantitative and qualitative, tends as presupposed theoretical the relative literature to the pedagogy of the sport in the extent of the initiation. The researched atmospheres were divided in three groups: clubs, academies and schools. The interviewees tell that began the sporting practice before the adult age, and majority began the practice with seven years or less. Most of the individual interviewees tells to be formed in Physical Education, affirming to be natural of Campinas and male. The nature of the research allows to appear for tendencies in this adapts, they put doesn't allow verifications, signaling like this the need of probabilistic researches in a larger extent. The pedagogic proposal is based in the theoretical reference and in the interviewed teacher's collaboration, taking with presupposed that through fight situations, tactic understanding, can be thought activities to contribute to the individual's global development. To rethink the educational action is a constant need, there will always appears new subjects to be thought, given pedagogic proposal in the course of time it won't serve more to the individual's real needs in social life, the new ones

.....



Universidade Estadual de Campinas

Faculdade de Educação Física



VIII

proposed they will contemplate some difficulties leaving aside another. This will be the process continue in which will try to develop in a coherent way the integral human being.

Key-Words

Physical Education – Sport - Judo



Sumário

1 – Introdução	01
2 – Referencial Teórico	03
2.1 – Alguns aspectos relevantes da história e filosofia da Educação Física	04
2.1.1 – Material e Métodos	04
2.1.2 – História e Filosofia	05
2.2. – Alguns aspectos relevantes da história e filosofia do Judô	22
2.2.1 – Material e Métodos	22
2.2.2 – História e Filosofia	23
2.3 – Alguns aspectos relevantes da Pedagogia do Esporte	28
2.3.1 – Algumas considerações sobre as relações entre atividade física, crescimento e desenvolvimento	33
2.3.2 – Algumas considerações sobre a especialização precoce	38
3 – Pesquisa de Campo	45
3.1 – Universo e Amostragem	45
3.2 – Material e Métodos	46
3.3 - Resultados	46
3.3.1 – Quantitativos	47
3.3.1.1 – Perfil dos Professores	47
3.3.1.2 – Aulas	50
3.3.2 – Qualitativos	50
3.3.2.1 – Considerações sobre algumas colocações dos professores (questionário)	51
3.3.2.2 – Competição (questionário)	71



X

3.3.2.3 – Observações (Diário de Campo)	71
3.3.2.3.1 – Ambientes	71
3.3.2.3.2 – Aulas	72
4 – Proposta Pedagógica para o Ensino do Judô	74
4.1 – Domínio do Corpo e Domínio do Corpo do Adversário	76
4.1.1 – Domínio do Corpo	76
4.1.2 – Domínio do Corpo do Adversário	77
4.2 – Ataque, Defesa, Contra-Ataque	78
4.2.1 – Ataque e Defesa	79
4.2.2 – Contra-Ataque	80
4.3 – As maneiras de Vencer	80
4.3.1 – Projeções e Situações de Domínio	81
4.3.1.1 - Projeções	81
4.3.1.2 – Situações de Domínio	82
4.3.2 – Situações de Projeções	82
4.3.2.1 – Golpes de Mão contra a Perna	84
4.3.2.2 – Golpes de Perna contra Perna	84
4.3.2.3 – Golpes que me viro de costas	85
4.3.2.4 – Golpes que me projeto ao chão	85
4.3.3 – Situações de Domínio	86
4.3.3.1 – Imobilizações	86
4.3.3.2 – Técnicas de Luxação	86
4.3.3.3 – Técnicas de Estrangulamento	87
5 – Considerações Finais	88
Bibliografia Fundamental	90
7 – Anexos	93



Universidade Estadual de Campinas

Faculdade de Educação Física



XI

7.1 – Roteiro de Entrevista	93
7.2 – Transcrição das Entrevistas	95



1. Introdução

Este ensaio provisório sobre alguns aspectos relevantes para o entendimento tático do Judô tendo em vista o desenvolvimento integral do indivíduo toma como referencial teórico a história da Educação Física (EF); a história do Judô; e a Pedagogia do Esporte.

A EF é uma área de conhecimentos interdisciplinares que estuda o homem em sua integralidade. O Judô é um fenômeno social de múltiplos significados, sendo que neste estudo foi analisado enquanto um conteúdo da área.

O atual quadro de esportivização da EF, sobretudo a escolar, não considera a problemática das artes marciais. Dessa maneira historicamente o Judô se desenvolveu marginalizado da EF.

Cabe assim estudar o Judô enquanto um conteúdo da EF e analisar sua realidade, para então sinalizar para possíveis intervenções.

Podemos dividir o estudo em três partes distintas, porem complementares: O Referencial Teórico; a Pesquisa de Campo; e a Proposta Pedagógica.

O Referencial Teórico serviu de sustentação para a construção dos instrumentos da Pesquisa de Campo. A Proposta Pedagógica se sustenta no Referencial Teórico e na Pesquisa de Campo.

Cabe ressaltar que o projeto de Extensão de Judô da Faculdade de Educação Física da Universidade Estadual de Campinas orientado pelo Professor Doutor Julio Gavião foi fundamental para que através da interação com os alunos se desenvolvessem atividades que

.....



posteriormente viriam a estruturar essa proposta. Tais atividades nascem principalmente das aulas na graduação, sobre tudo as aulas dos Professores Doutores: Roberto Paes, Alcides Scaglia, Júlio Gavião, Jocimar Daólio e Edison Duarte.

A pesquisa de Campo procura diagnosticar a realidade no município de Campinas, levantando características do processo de ensino-aprendizagem da iniciação no Judô.

Os aspectos históricos que conduziram a Educação Física e o Judô de forma marginalizada geram dois problemas ou conjuntos de problemas: O não aproveitamento do Judô enquanto um conteúdo da Educação Física; O não aproveitamento dos conhecimentos científicos produzidos na Educação Física no âmbito específico do Judô.

A Proposta Pedagógica toma como base que o entendimento tático é fundamental enquanto conteúdo para propostas pedagógicas, sobretudo na iniciação. Não queremos com isso passar a idéia que estes são os únicos conteúdos relevantes no desenvolvimento global do indivíduo.



2. Referencial Teórico

O Referencial Teórico é dividido em três capítulos:

- Alguns aspectos relevantes da história e filosofia da Educação física enquanto área de conhecimentos interdisciplinares;
- Alguns aspectos relevantes da história e filosofia do Judô, para que se possa pensar o Judô enquanto um conteúdo da Educação Física;
- Alguns aspectos relevantes sobre a Pedagogia do Esporte;

Através deles formamos as bases necessárias para a pesquisa de campo, análise dos dados e proposta. Nenhum dos capítulos visa uma extensa revisão de todas as obras sobre cada assunto, entendemos que cada um desses temas envolve um conjunto extenso e conhecimentos relevantes para a área, no entanto nesta obra não nos dedicamos a nos aprofundar em cada um deles, mas sim construir um arcabouço teórico que pudesse nos ajudar a entender a realidade e sinalizar possíveis intervenções na mesma.



2.1.. Alguns aspectos relevantes da história e filosofia da Educação Física

2.1.1. Material e Métodos

Através do Sistema de Bibliotecas da Unicamp (SBU), foi acessada a base de dados Acervus, disponível em http://libweb.unicamp.br/cgi-bin/gw_40_3/chameleon (acesso em 09/08/2004). Optou-se pela busca por palavras-chave.

Obtivemos os seguintes resultados:

1. Educação Física (Todos os Campos) retornou 1625 resultados.
2. História (Todos os Campos) “e” Educação Física (Todos os Campos) retornou 86 resultados.
3. História (Todos os Campos) “e” Esporte (Todos os Campos) retornou 16 resultados.
4. História (Todos os Campos) “e” Corpo (Todos os Campos) retornou 142 resultados.
5. História (Todos os Campos) “e” Atividade Física (Todos os Campos) retornou um resultado.

.....



Tendo em vista o grande número de referências não foram lidas todas as obras retornadas pelo sistema de busca. Assim este capítulo serve apenas de referencial teórico para situar o leitor para o entendimento da proposta no capítulo IV.

2.1.2. História e Filosofia

No período pré-histórico a sobrevivência do ser humano dependia da atividade física para sobreviver. Nesta época os homens viviam em uma situação de nomadismo ou semi-nomadismo. Dependendo de suas habilidades e capacidades físicas para sobreviver (OLIVEIRA, 1983). “[...] realizavam grandes caminhadas ao longo das quais lutavam, corriam, saltavam e nadavam. [...]” (OLIVEIRA, 1983, p.13).

O desenvolvimento cultural na filogênese humana foi simultâneo à progressão biológica, tendo um aspecto constantemente influenciado o outro, culminando a cerca de 100.000 ou 200.000 anos com o homo sapiens, esse ser inteligente que, bem ou mal, conseguiu sobreviver às dificuldades e aos outros animais. (DAOLIO, 2002, p.12).

Geertz (1973 apud DAOLIO, 2002) afirma que cultura é a própria condição de vida de todos os seres humanos. É produto, mas é também processo contínuo pelo qual os homens dão significado às suas ações.

.....



[...] No começo, ainda absolutamente nômades, a caça e a pesca eram a base de sua economia. Posteriormente, iniciaram um processo de sedentarização, quando começara a dominar técnicas rudimentares de agricultura e domesticação de animais. [...] (OLIVEIRA, 1983, p. 13-14).

O fato de possuir o movimento de oposição do polegar permitiu que arremessasse com maior precisão, construí-se ferramentas para suas atividades cotidianas podendo então se diferenciar de outros animais (OLIVEIRA, 1983).

[...] O ser humano se diferencia dos outros animais pelo fato de ter um tele-encéfalo altamente desenvolvido, pelo polegar opositor e por ser livre. Livre é o estado daquele que tem liberdade. Liberdade é uma palavra que o sonho humano alimenta, que não há ninguém que explique e ninguém que não entenda. [...] (FURTADO, 1989).

A luta e a liberdade andam juntas, Tzu (1983) coloca em sua obra *A Arte da Guerra* que para que o mal prevaleça basta que os bons não façam nada. Paulo Freire em *Pedagogia da Autonomia* coloca que os professores devem se entender como classe e defender seus projetos políticos-pedagógicos numa ação que vise combater as políticas reacionárias das classes dominantes. Se entendermos que as Artes Marciais são conteúdos possíveis e coerentes com o desenvolvimento integral do indivíduo, necessários ao processo educativo que vise a autonomia e a liberdade, temos então que nos entender enquanto classe e lutar para que esse conteúdo sejam trabalhados de forma coerente.

.....



A partir do momento que o homem se sedentarizou, podemos registrar o início da luta pela posse de terras. É evidente que a fixação ao solo não se deu ao mesmo tempo em todos os lugares. Fácil será deduzir o que acontecia quando hordas nômades encontravam, em suas peregrinações, os grupos sedentários. Os primeiros embates marcavam a vitória dos agressores, pois esses possuíam maior vigor físico devido a sua atividade física mais intensa. Aqueles que já plantavam e criavam, ao instalar novos núcleos tratavam, agora, de aproveitar seus momentos de ócio num treinamento visando o sucesso diante de novos ataques (OLIVEIRA, 1983, p.14).

Pensando em um ser humano na sua integralidade este momento começa a integrar à luta instintiva pela sobrevivência à luta adquirida historicamente dentro do processo cultural, seja pela capacidade cognitiva, seja por tentativa e erro ou qualquer outro processo de aprendizagem e transmissão de conhecimentos. Entendemos que esse conhecimento passa então a ser transmitido de geração a geração, desde questões técnicas e estratégicas até as questões ligadas às emoções.

Uma das atividades físicas mais significativas para o homem antigo foi a dança. Utilizada como forma de exibir suas qualidades físicas e de expressar seus sentimentos, era praticada por todos os povos, desde o paleolítico superior (60 000 a.C.) (OLIVEIRA, 1983).

Na dança a expressão das emoções é notória, a guerra é um momento de sentimentos intensos, momento em que a sobrevivência é colocada em risco, não só a sua própria sobrevivência, muito mais que isso, a sobrevivência daqueles que amamos e, portanto protegemos.

.....



As propostas que visem desenvolver o ser humano não podem por tanto ignorar as questões ligadas ao sentimento.

Entre os povos primitivos existem alguns poucos que conseguem atingir um estágio civilizatório. Estes pioneiros, surgidos à 6.000 anos e cujo número andou em torno de 20, ainda mantiveram muitas características dos primitivos. (OLIVEIRA, 1983, p. 16-17).

Estes deram início a Antiguidade Oriental, nesta época a atividade física mereceu o mesmo destaque da pré-história. A possibilidade de registro através da escrita permitiu a análise mais apurada da atividade física, dando vários significados para movimento: guerreiro, terapêutico, jogo e educacional (OLIVEIRA, 1983, p.16-17).

Os novos tipos de mídia propiciam atualmente uma nova dimensão a transmissão dos conhecimentos das Artes Marciais. Porém ainda é marcante a transmissão de mestre para discípulo.

Deve-se entender também que as manifestações da cultura corporal estão dentro de um processo cultural. Ainda no momento atual, estão inseridas num quadro político e econômico nos quais valores capitalistas influenciam as nossas mais diversas ações, uma postura crítica que entenda a história do Judô se faz necessária, olhar de fora, de longe, é fundamental para re-pensarmos nossas atitudes de forma coerente.

“Os chineses parecem ter sido os primeiros a racionalizar o movimento, emprestando-lhe, ainda, um forte conteúdo médico.” (OLIVEIRA, 1983). Na Índia temos a yoga praticada pelos hindus que procura desenvolver o homem em sua integralidade (OLIVEIRA, 1983, p.18).

.....



“Nesta fase da história da humanidade, vários povos destacaram-se pela formação guerreira que era dada aos seus cidadãos. [...]” (OLIVEIRA, 1983, p.18).

No Egito, considerado por muitos historiadores a mais antiga civilização, foram encontrados vários registros sobre suas atividades, as mais numerosas são as das lutas. Provavelmente foram estimulados a se exercitarem e se prepararem devido à guerra contra os hicsos, povo asiático que os dominou (OLIVEIRA, 1983).

Na região situada em os rios Tigre e Eufrates estavam os sumérios, os caldeus ou babilônios e os assírios, que disputavam com os egípcios a primazia histórica de haverem alcançado o momento cultural chamado civilização. (OLIVEIRA, 1983, p.19).

Cultivavam as capacidades físicas, tinham sua formação guerreira através do uso do arco e flecha, da equitação e da luta. (OLIVEIRA, 1983).

“[...]. O aspectos guerreiros evidenciava-se, principalmente, entre os assírios, considerados os povos mais sanguinários da Antiguidade Oriental. [...]” (OLIVEIRA, 1983, p.19). Eram extremamente desenvolvidos em engenharia, matemática, e astrologia. Com o desenvolvimento ocorreu um crescente sedentarismo propiciando o aperfeiçoamento guerreiro (OLIVEIRA, 1983).

Em *A Republica*, Platão fala através de Sócrates a respeito do tipo de educação pela qual os guardiões da sua utópica cidade deveriam passar. Era a Paidéia, o ideal da educação grega que unia a ginástica à música (esta concebida como cultura espiritual). (OLIVEIRA, 1983, p.21, grifo do autor).



A civilização grega tem o grande mérito de entender o homem enquanto ser completo não divorciando a educação física e intelectual. A atividade física teve diversos significados durante a história grega apesar de sempre presente (OLIVEIRA, 1983).

O primeiro desses momentos foi consignado pelos poemas de Homero (*Ilíada e Odisséia*). A educação desta fase (1200/800 a.C., embora não possuísse uma organização institucionalizada, presumia o ideal da sabedoria e da ação; aquela era apresentada por Ulisses, esta por Aquiles. A origem dos famosos Jogos Gregos – entre eles, os Olímpicos – Está situada neste período e materializada nos “jogos fúnebres”. Entre estes se destacam-se os que foram mandados celebrar por Aquiles em homenagem a seu amigo Pátroclo, morto por Heitor. Estes jogos constaram de oito provas: corrida de carros, pugilato, luta, corrida a pé, combate armado, arremesso de bola de ferro, arco e flecha e arremesso de lança, demonstrando o ecletismo a que estavam submetidos os atletas-heróis nesse período. (OLIVEIRA, 1983, p. 22).

O segundo momento da história Grega é o histórico (800 a 500 a.C.), quando são formadas as chamadas cidades-estados, entre elas Atenas e Esparta (OLIVEIRA, 1983).

Esparta representava o anti-humanismo grego, foi a cidade mais desenvolvida desta época, era movida por ideais totalitários de devoção do cidadão ao estado. A formação do homem era voltada para a guerra, os ideais de eugenia permitiam até mesmo que se condenasse a morte os nascidos raquíticos e disformes. Às mulheres cabia o papel da reprodução (OLIVEIRA, 1983).

Nessa época surgem os grandes Jogos Gregos, participavam destes toda a sociedade helênica: Píticos, Nemeus, Ístmicos e



especialmente os Olímpicos, criados em 776a.C. para homenagear Zeus. Haviam três coisas que marcavam a Grécia em quanto nação: a religião, eminência de perigo externo, e os jogos (OLIVEIRA, 1983).

A maior parte dos campeões dos jogos eram espartanos, provavelmente por sua formação guerreira. Já os atenienses tinham uma formação mais global, vendo o homem em sua integralidade. Atenas servia de paradigma para todo o mundo grego – com exceção de Esparta (OLIVEIRA, 1983).

O terceiro momento da história grega é o clássico ou humanista, nele aparecem os grande filósofos do mundo ocidental. Nele a educação física não ostenta o mesmo valor dos períodos anteriores, porem ainda merece destaque. Aristóteles diz: “a ciência da ginástica deve investigar quais os exercícios mais úteis ao corpo, segundo a constituição física de cada um (OLIVEIRA, 1983).

Ao final do século V a Grécia encontra-se em decadência devido a cisões e lutas internas, deixaram-se dominar primeiro pelos macedônios (338 a.C) e posteriormente pelos romanos (146 a.C). Com sua decadência caem também seus ideais, a educação física humanista não tem mais vez, dando espaço para que atletas comesçassem a se especializar prematuramente, os objetivos estéticos e a saúde são deixados de lado (OLIVEIRA, 1983).

O império romano foi herdeiro direto de dois povos os etruscos e os gregos. Caracterizados por ideais utilitaristas e expansionistas. Homero disse: “Doce e belo é morrer pela pátria”. Apesar da escassa documentação desse período, sabe-se que praticavam a equitação, corridas de velocidade e resistência, natação, pugilato, luta, arco e flecha e esgrima (OLIVEIRA, 1983).



O período imperial (a partir de 27 a.C) é marcado pelo espetáculos de sacrifício humano, os cristãos eram devorados por feras no contexto da política do pão e circo (OLIVEIRA, 1983). Apesar de parecer distante de nossa realidade esses espetáculos deixavam de lado a grandeza do esporte enquanto um fenômeno cultural do homem completo para trabalhar apenas o entretenimento, hoje a concepção de esporte espetáculo deixa muitas vezes de lado uma concepção de esporte enquanto possibilidade, enquanto fenômeno humano.

A Idade Média tem início com a divisão do Império Romano (395) por Teodósio I – o mesmo que, dois anos antes, abolira os Jogos Olímpicos – ou, para outros com a queda do citado império do lado ocidental (476) (OLIVEIRA, 1983, p.32).

Observa-se neste período um grande fortalecimento da igreja, reforçado pelas invasões bárbaras, é marcante neste período a presença das crenças e dogmas, por fim o homem se divorcia do seu corpo, a educação do físico, do ser humano em sua integralidade não tem mais vez (OLIVEIRA, 1983).

Nesta época ao contrário da Grécia que tinha suas atividades mais próximas do Atletismo temos, principalmente na Inglaterra, uma forte presença das atividades coletivas, estas viriam a dar origem as atuais modalidades esportivas, como o futebol, o tênis e o rugby (OLIVEIRA, 1983).

“O Renascimento foi um movimento intelectual, estético e social que representou uma reação à decadente estrutura feudal do início do século XIV. [...]” (OLIVEIRA, 1983, p.36) Neste momento temos a volta do antropocentrismo em oposição ao teocentrismo



medieval. Assim a educação física volta a ser assunto. Apesar da descoberta da imprensa a educação ainda era para poucos, este tinham em seu currículo a corrida, a natação, a luta, a equitação o jogo de pelota a dança e a pesca (OLIVEIRA, 1983).

Diversos pensadores se preocuparam com o exercício físico, Da Vinci escreveu o Estudo dos movimentos dos músculos e articulações, um dos primeiros tratados de biomecânica que o mundo conheceu. A idade moderna continuou seu caminho ao longo de 200 anos até os tempos contemporâneos (OLIVEIRA, 1983).

O século que se seguiu às Revoluções Industrial e Francesa encontrou um mundo diferente. A utilização de máquinas no processo de produção e a burguesia assentada no poder configuraram um quadro, no mínimo, desafiador para o homem contemporâneo. Vários fatores foram determinantes para o verdadeiro renascimento físico que ocorreu na idade contemporânea, principalmente no campo ginástico. O crescimento das cidades e a conseqüente diminuição dos espaços livres limitam a possibilidade de cenários apropriados aos exercícios físicos. A especialização profissional determinou a permanência dos trabalhadores numa mesma posição durante longas horas, concorrendo para o aumento de problemas posturais. O aumento das horas de estudo e a imobilidade imposta por severa disciplina criaram, para os jovens, os mesmos problemas dos trabalhadores. (OLIVEIRA, 1983, p.41).

A idéia do rendimento, da performance pode ter aí uma das suas raízes. A produtividade necessária na lógica industrial do capitalismo era refletida no ambiente escolar, a disciplina era necessária para tal performance. No final esses ideais de performance faziam e fazem com que os ambientes de ensino, nos quais deveria predominar a



possibilidade, predomine o rendimento, o mesmo regime que é imposto ao trabalhador é imposto a uma criança no ambiente da atividade física sendo ou não escolar.

A ginástica compreendia marchas, corridas, lançamentos, esgrima, natação, equitação, jogos e danças. Surgiu na sociedade moderna como um movimento de caráter popular e sem qualquer relação com a instituição escolar. Este movimento bastante vigoroso em todo o século XIX, teve sua denominação definida a partir dos países de origem e ficou também conhecido como escolas ou métodos de ginástica. (SOARES, 1996, p.8).

Quatro correntes principais podem ser destacadas no século XIX no renascimento da Educação Física: A corrente Alemã e a nórdica; Sueca; a Francesa; e a Inglesa (OLIVEIRA, 1983).

A corrente alemã era um modelo para toda nação, não se restringindo ao âmbito escolar. Dela nasceram os aparelhos com a barra fixa e as paralelas, foram os percussores da atual Ginástica Artística (OLIVEIRA, 1983).

“Na corrente nórdica frutificaram as idéias pedagógicas alemãs, principalmente na Dinamarca – considerada na época a metrópole intelectual dos países nórdicos. [...]” (OLIVEIRA, 1983, p.41). Em 1804 foi nele criado o mais antigo instituto militar de ginástica, e quatro anos mais tarde um instituto civil de ginástica. (OLIVEIRA, 1983).

A corrente Sueca foi a que se disseminou pelo mundo, após a guerra contra a Rússia era necessário elevar a moral do povo. Esperava-se através de uma ginástica científica obter-se uma raça livre do alcoolismo e da tuberculose (OLIVEIRA, 1983).



Universidade Estadual de Campinas

Faculdade de Educação Física



A corrente francesa veio a construir os alicerces para o que se tornaria a Educação Física brasileira. Era marcadamente militar e preocupada com o desenvolvimento da força. As aulas nas escolas eram lecionadas por sub-oficiais do exercito (OLIVEIRA, 1983).

A corrente Inglesa era a única não ginástica desse período. Nasce daí a concepção do fair-play, foi adotado em quase todas as instituições de ensino inglesas. No entanto, sofreu resistência de diversos seguimentos da sociedade, tais como a igreja, os médicos e os intelectuais. Estes não entendiam o esporte na sua verdadeira dimensão (OLIVEIRA, 1983).

O século XX teve um importante personagem: Pierre de Fredy, o barão de Coubertin. Francês formado em filosofia, interessado em música, poesia, literatura e é claro a prática esportiva. Sua vida foi dedicada à educação popular e ao esporte. Inspirado nos ingleses pretendia colocar o esporte como elemento da Educação Física, após introduzi-lo no sistema educacional francês pode realizar sua grande missão: restaurar os Jogos Olímpicos, seu sonho se realizaria em 1986 (OLIVEIRA, 1983).

A história brasileira e conseqüentemente a história E.F nacional têm suas raízes na Europa, devido à colonização. “A maior parte da História do Brasil é uma história de colonização.”(OLIVEIRA, 1983, p.49). E o autor continua dizendo que a Educação foi um dos setores que mais sofreu com o processo de transplantação cultural. Assim vemos que muitos dos aspectos que forma a teia de significados de nossa cultura são herdados de outros povos, com outra história, faz-se necessário aproveitar sim nossas heranças culturais, mas também



Universidade Estadual de Campinas

Faculdade de Educação Física



fomentar o desenvolvimento do que é nosso, valorizar o que é brasileiro.

Até o século XIX o pensamento científico europeu relativo à Antropologia considerava os outros povos primitivos, exótico, com uma cultura mais rústica e bruta, eram considerados os europeus de ontem. Esse pensamento evolucionista. Acabava por justificar cientificamente as práticas de colonização. O modelo de cultura tido como correto para eles era então imposto aos povos colonizados (DAOLIO, 2002, p.21).

Antes da colonização os habitantes do que hoje é o Brasil estavam na idade pedra lascada, não conheciam os metais, suas atividades eram o arco e flecha, natação, luta, caça, pesca, montaria, canoagem e corridas, no entanto este vasto legado no âmbito das atividades físicas quase não foi aproveitado pelos colonizadores, podemos citar a jogo de peteca como uma herança deste período (OLIVEIRA, 1983).

[...] É por de mais sabido que a Educação Física no Brasil, originária dos conhecimentos médicos higienistas do século XIX, foi influenciada de forma determinante por uma visão de corpo biológica, médica, higiênica e eugênica. Essa concepção naturalista atravessou praticamente todo o século XX – com variações específicas em cada momento histórico -, estando ainda hoje em currículos de faculdades, publicações e no próprio imaginário social da área. (DAOLIO, 2002, p.7).

O Brasil enquanto colônia de exploração tem seu desenvolvimento social prejudicado. Tudo que se produzia é para a Metrópole e não para a colônia. No entanto, foi neste cenário que



nasceu um de nossos maiores patrimônios culturais, traço característico de nosso povo, um misto de dança, ritual e luta: a capoeira (OLIVEIRA, 1983).

Apesar dessa obra tratar especificamente de Judô em sua manifestação esportiva cabe ressaltar que o fenômeno cultural das Artes Marciais deve ser trabalhado nas suas mais variadas dimensões, cada luta, cada arte, vai ter características que contribuam com o processo educativo. Somamos a isso as questões da tolerância, há de se entender para respeitar, todos precisam aprender a respeitar as diversas manifestações da cultura corporal, para tanto se faz necessário que este conteúdo seja trabalhado de forma coerente dentro e fora do ensino formal.

Os jesuítas chegaram em 1549, eles catequizavam os índios, que além de serem submetidos ao trabalho escravo ainda tinha que se submeter à religião da metrópole. Leciona-se aulas em colégios também aos filhos da classe dominante (latifundiários e representantes da coroa), as aulas eram ministradas em latim e grego. Nos 210 anos que os jesuítas aqui estiveram não ergueram nenhuma universidade (OLIVEIRA, 1983).

Soares (1996) coloca que a Educação Física tal como conhecemos hoje tem suas raízes na Europa de fins do século XVIII e início do século XIX. Em 1808 instala-se no Brasil a família real portuguesa. Assim algumas mudanças foram feitas para atender os interesses da classe dominante. É criada a Imprensa Régia e a Biblioteca Real. Apesar de não existir um sistema estruturado de ensino fundamental e médio o ensino superior passa a receber especial atenção, principalmente à classe médica (OLIVEIRA, 1983).



Em 1833 ocorre a independência política porem ainda continuávamos dependentes economicamente (da Inglaterra) e o quadro era de censura e repressão. A primeira constituição, 1824, dava poderes ilimitados ao imperador (OLIVEIRA, 1983).

O Movimento Ginástico Europeu no Brasil ocorre no século XIX e XX, seus conteúdos compreendiam exercícios militares, jogos, dança, esgrima, equitação e canto (SOARES, 1996). Nesta época surgem as primeiras obras literárias sobre a componente curricular, seus assuntos eram diversos, incluindo eugenia, puericultura, gravidez, entre outros. O Ginásio Nacional (hoje Colégio Pedro II), criado em 1837 como instituição modelo, incluiu ginástica nos seus currículos. Em 1851, começa a legislação referente à matéria, obrigando a prática de ginástica nas escolas primárias do Município da Corte (Rio de Janeiro). No entanto, os estímulos pedagógicos não foram significativos, eram duas as grandes áreas de influência: a médica e a militar (OLIVEIRA, 1983).

Após a abolição da escravatura e a Proclamação da República em conjunto com diversas mudanças sociais, tais como a afluência de jovens para os grandes centros, a iminência de sedentarização devido a revolução dos transportes e a influência da migração fizeram com que houvesse uma preocupação mais sistemática com a Educação Física (OLIVEIRA, 1983).

No final deste mesmo século a educação estava vinculada ao Ministério da Instrução Pública, Correios e Telégrafos. Até 1921 predominaram as ginásticas alemãs e suecas, quando foi proclamado um decreto aprovando o Regulamento da Educação Física Militar, destinado a todas as armas e inspirado na ginástica natural francesa.



No ano seguinte, uma portaria do ministro da guerra institui o centro Militar de Educação Física, destinado a dirigir, coordenar e difundir o novo método de Educação Física e suas aplicações esportivas. Porém, tal portaria não chegou a vigorar, isto só ocorreu sete anos mais tarde com a criação do Curso Provisório de Educação Física. Em 1933 Foi fundada a Escola de Educação Física do Exército (OLIVEIRA, 1983).

A década de 30 dispensa ao esporte, principalmente a nossa monocultura do futebol, especial atenção. Surge a Escola Nacional de Educação Física e Desportos, integrada à Universidade do Brasil (atual UFRJ). Seu corpo docente era de professores e médicos (OLIVEIRA, 1983).

Com a implantação do Estado Novo a EF passa a servir de instrumento ideológico, aparecendo pela primeira vez explicitamente numa carta constitucional em 1937. Era um meio de divulgação do nacionalismo, a inscrição dos alunos era compulsória. Até 1950 vigorou o método francês (OLIVEIRA, 1983).

Soares (1996) coloca que a partir de 1940 o movimento no pensamento da EF tem predomínio esportivo. E que dos anos 70 até os dias de hoje temos o movimento da Psicomotricidade, que se preocupava com as questões ligadas as condutas motoras.

A partir de 1980 o predomínio biológico no conjunto de conhecimentos da área começa a ser questionado. Até então os profissionais não tinham acesso a discussões sobre as dimensões sócio-culturais. (DAOLIO, 2002, p.34).

Em 1992 com inspiração no materialismo histórico de Karl Marx foi escrito o livro Metodologia do Ensino de Educação Física. Os autores consideravam que a EF era a matéria escolar que trata



Universidade Estadual de Campinas

Faculdade de Educação Física



pedagogicamente, temas da cultura corporal, ou seja, os jogos, a ginástica, as lutas, as acrobacias, a mímica, o esporte e outros. (SOARES et al, 1992).

Daolio (2002) analisando as obras de Eleonor Kunz coloca que o autor propõe uma concepção dialógica de movimento humano. Nela, o movimento deve ser interpretado como um diálogo entre o homem e o mundo, uma vez que é pelo seu movimentar-se que o homem percebe, sente, interage com os outros, atua na sociedade.

Daolio coloca ainda que em 1992 Mauro Betti fez uma interessante discussão sobre a Educação do Movimento (Go Tani) e Educação pelo Movimento (João Freire). Acreditamos nesta obra que a EF deve educar o ser humano em sua integralidade, sem perder sua especificidade, porém contribuindo em aspectos não específicos da área. Antes de tudo somos professores e educamos para o movimento e pelo movimento. O Judô nesta obra pensando enquanto um conteúdo possível da EF deve seguir os mesmos princípios.

Assim os conteúdos da EF são meio e fim, o Judô pode ser um meio para ensinar valores, para expressar sentimentos, mas é também fim, ou seja, mesmo no conteúdo formal aprender Judô e demais Artes Marciais é um conteúdo possível.

A EF trata da cultura relacionada aos aspectos culturais, expressas nos jogos, nas formas de ginásticas, nas danças, nas lutas e mais recentemente nos esportes (DAOLIO, 2002, p. 17).

O Professor de EF deve saber trabalhar a partir dos conhecimentos populares, sabendo fazer uma leitura dos significados



Universidade Estadual de Campinas

Faculdade de Educação Física



dos cinco grandes temas da EF em cada região para que então esse conhecimento possa ser trabalhado, transformando o conhecimento popular em elaborado (SOARES, 1996).

Como vimos no texto, as artes marciais e as lutas receberam diversos significados durante o processo histórico, o Judô também terá assim sua história sendo significada e re-significada por nós, teremos então que, através de uma postura crítica, pensar e repensar nossas ações educativas de maneira a tornar as práticas corporais relativas ao Judô elementos que possam contribuir para a formação integral do indivíduo.

Por ultimo destacamos que além das importantes alterações históricas ocorridas nos últimos anos tivemos alterações na legislação nacional, talvez a mais importante seja a Regulamentação, Drigo (2002) coloca que de acordo com a Lei Federal 9.696, sancionada pela presidência da república em 01 de setembro de 1998, regulamenta a profissão e criam-se os Conselhos Federal e Regionais de Educação Física.



2.2. Alguns aspectos relevantes da história e filosofia do Judô

2.2.1 Material e Métodos

Neste capítulo tentaremos trazer alguns aspectos relevantes da história e da filosofia do Judô.

Através do Sistema de Bibliotecas da Unicamp (SBU), foi acessada a base de dados Acervus, disponível em http://libweb.unicamp.br/cgi-bin/gw_40_3/chameleon (acesso em 09/08/2004). Optou-se pela busca por palavras-chave.

Obtivemos os seguintes resultados:

1. Judô (Todos os Campos) retornou 19 resultados.
2. História (Todos os Campos) “e” Judô (Todos os Campos) retornou dois resultados.
3. História (Todos os Campos) “e” Artes Marciais (Todos os Campos) não retornou nenhum resultado.
4. História (Todos os Campos) “e” Lutas (Todos os Campos) não retornou nenhum resultado.

Somamos a essas referências o posicionamento histórico assumido pela Federação Paulista de Judô através de suas publicações no site oficial disponível em www.fpj.com.br (acesso em 8 jan. 2004).

O site www.judobrasil.com.br também trouxe importantes contribuições para este capítulo (em acesso em 8 jan. 2004).



Apesar do número de referências não ser tão extenso, ao analisarmos as obras constatamos que a grande maioria tratava de aspectos técnicos, assim não optamos por uma meta-análise das obras.

2.2.2 História e Filosofia

O Judô se constitui de um elemento de múltiplos significados da cultura corporal brasileira. Sua origem se dá no Japão em 1882, sob principal influência de Jigoro Kano, de lá se espalhou pelo mundo, em especial nos moldes esportivos. Entendemos que o Judô é uma prática possível num contexto de desenvolvimento global do indivíduo.

Esta arte marcial que possui origem relacionada a religiosidade e cultura japonesa, difundiu-se pelo mundo divulgando costumes e o modo de vida nipônico (FEDERAÇÃO PAULISTA DE JUDÔ, 2004a).

Como vimos o Judô teve sua origem no Japão do século XIX, cabendo assim uma caracterização destes aspectos:

O território japonês é de 372.050 quilômetros quadrados. Se comparado com o do Brasil, é 26 vezes menor. Além disso, é extremamente fragmentado em 3.922 ilhas e ilhotas, embora haja quatro principais que correspondem pela grande maioria da área: Honshu no centro, com 227.413 Km², onde se situa a capital Tóquio; Hokkaido, ao norte, com 78.034 Km²; Kyu-shu, com 36.554 Km²; e Shikoku, com 18.256 Km², ambas ao sul. Existe ainda o chamado Território ao norte, com 4.996 Km², Etorofu, Kunashiri, Habomai e



Shikotan. No total o Japão ocupa 0,3% das terras do planeta (PERALVA, 1990 apud CORDEIRO JÚNIOR, 1999).

Assim o Japão é um conjunto de ilhas de pequeno território e grande densidade populacional. Tais adversidades ainda se somam a grande atividade vulcânica. Neste contexto durante um grande período se desenvolveu no Japão um regime fechado. O desenvolvimento das artes militares foi notório na defesa das terras.

[...] o período Tokugawa (1600-1868), caracterizado pelo seu isolamento político para com os demais países, não existindo nenhum tipo de intercâmbio comercial possível, e se reforçava símbolos nacionais como a do Imperador e do Shogum [...] (CORDEIRO JÚNIOR, 1999, [s/n]).

Durante o período medieval japonês, do século XIV ao XVIII, aproximadamente, as artes marciais tiveram grande importância por seu uso militarista, apresentando evidente progresso técnico, destacando-se os grandes talentos em todas as formas de luta pela preservação da vida, utilizando-se de armas como sabres, lanças e outros instrumentos, bem com métodos de combates com as mãos nuas. Ao mesmo tempo em que aprimorava o físico para adquirir destreza na arte marcial, o samurai desenvolvia formas de dominar seus próprios impulsos e controlar sua vontade, em alto grau, para poder enfrentar as adversidades corajosamente até a morte. Essa filosofia de vida era a alma das artes marciais e entendiam, os samurais, que ela só poderia ser atingida através de árduo treinamento para desenvolver o espírito de luta - Budo - através da busca da serenidade, da simplicidade e do fortalecimento do caráter, qualidades próprias da doutrina ZEN. Um



código de honra, ética e moral, o Bushido, conhecido como via do guerreiro, foi elaborado com forte influência do Budismo, alicerçando-se na preservação do caráter máximo, tal como honra, determinação, integridade, espírito de fé, imparcialidade, lealdade e obediência; preconizando uma forma de viver pela conduta de cavalheirismo, respeito, bondade, desprezo pela dor e sofrimento. (FEDERAÇÃO PAULISTA DE JUDÔ, 2004b).

Se por um lado temos a formação guerreira do samurai extremamente atrelada à ética não podemos esquecer que em se tratando de um regime de classes em que uma classe tinha privilégios em relação a outras a formação tem como pano de fundo idéias reacionárias, privilegiando a manutenção da ordem social.

Esta época é caracterizada por uma organização distinta entre as classes sociais, tendo a seguinte forma: O Shogum era o chefe militar máximo e que comandava todo o país, buscando protegê-lo de qualquer invasão estrangeira que coloca-se em risco a cultura e os costumes do povo japonês. A Família Imperial Japonesa cumpria um importante papel, na representatividade de poder, fé e de conduta dessa organização social, porém estava submetida às ordens do Shogum. Os Daymos eram senhores proprietários de terras (fazendas), num regime de concessão das mesmas junto à administração do shogunato, pagando tributos em porcentagem do que era produzido e colhido dentro das mesmas. Essa forma de pagamento era estabelecida por acordos, os quais variavam conforme o tipo de relacionamento pessoal existente entre ambas as partes. Os Samurais eram a guarda pessoal dos Daymos e que justificava sua existência na servidão e na garantia da vida de seus senhores, além da defesa das terras de



quaisquer invasões e faziam funcionar a produção agrícola. A essa classe reservava-se o direito de possuir espadas e andar a cavalo. Os camponeses, artesões e mercadores estavam situados numa mesma classe em termos de seu valor social, onde eram responsáveis pela produção agrícola, sua manutenção e colheita, produção de manufaturas, pinturas em cerâmicas, poemas e outras atividades, não sendo difícil que estes sofressem agressões por parte dos samurais, fosse qualquer o motivo. Tinha-se como classe inferior os parias, aos quais eram reservados os serviços como curtidores de pele e de coveiro (WHITE, 1986 apud CORDEIRO JÚNIOR, 1999).

Devido a pressões externas ocorrem diversas mudanças no Japão, cai o shogunato, dá-se assim o início a uma nova era, a Era Meiji. Neste período de intensas transformações muito do que era antigo foi descartado. É nesse cenário de inovações sob influência ocidental que o Judô vai sendo estruturado a partir de algumas formas de Jiu-Jitsu.

Através das migrações japonesas o Judô chegou ao Brasil e tornou-se a modalidade esportiva que hoje, segundo Lucírio et al. (apud FEDERAÇÃO PAULISTA DE JUDÔ, 2004b), 1997, possui o maior número de praticantes no país, ou seja, 2 milhões de praticantes. Tornou-se esporte olímpico em 1964 em Tóquio (LANCELLOTTI, 1996 apud FEDERAÇÃO PAULISTA DE JUDÔ), como modalidade de demonstração e em 1972 foi incluído como modalidade oficial na olimpíada de Munique (LANCELLOTTI, 1996 apud FEDERAÇÃO PAULISTA DE JUDÔ, 2004b).

Cabe ressaltar mais uma vez que tomamos como pressuposto que o Judô é uma prática de múltiplos significados, sendo que a prática esportiva é importante e relevante para o desenvolvimento global do



indivíduo, no entanto os outros possíveis significados devem ter igual relevância num processo de desenvolvimento global. Entendemos que a prática de significados diferente para o Judô, tais como a defesa pessoal ou o jogo, devem constar de um projeto pedagógico que vise desenvolver o ser humano integralmente, além disso, contribui para que os indivíduos não se especializem precocemente, experimentando assim maior número de possibilidades mesmo dentro de uma mesma manifestação da cultura corporal.

A esportivização do Judô trás por um lado a possibilidade de intercâmbios internacionais, a re-significação da arte marcial, e a possibilidade de esporte espetáculo. Por outro lado ao esquecermos que o Judô não é sinônimo de modalidade esportiva podemos deixar de trabalhar o Judô na sua integralidade. O esporte deve ser mais um dos significados do Judô, e não o único.



2.3. Algumas considerações sobre a Pedagogia do Esporte

Entendemos aqui que a Pedagogia do Esporte estuda diversas dimensões (sociais, psicológicas, técnicas, entre outras) ligadas ao processo de ensino-aprendizagem. Envolvendo diversas áreas (Pedagogia, Psicologia, Biologia, Biomecânica, entre outras).

Este capítulo tem por objetivo trazer algumas considerações relevantes na atuação profissional de quem trabalha com o Judô na iniciação. Dentro do capítulo ainda faremos considerações especiais sobre a Educação; o Treinamento dos mais jovens; e o fenômeno da especialização precoce.

Dentro e fora do ensino formal há a necessidade de um tratamento pedagógico para o iniciante, especialmente para os mais jovens. Entendemos ainda que independente da modalidade esportiva trabalhada existam princípios na atuação profissional, pois ainda que haja a especificidade, o professor sempre atuará com seres humanos, sendo estes o ponto de partida do processo.

Na Educação Formal temos as componentes curriculares, a Educação Física é uma delas. Assim ela está ligada a uma área maior a Educação. Está por sua vez tem uma ligação dialética com a sociedade, construindo e ao mesmo tempo sendo construída.

Segundo Paulo Freire (1996) é necessário uma postura crítica ao educador sobre a relação teoria-prática. No caso específico do Judô podemos nos perguntar, como surgem nossas aulas? Sobre quais pressupostos teóricos refletimos para por em prática nossas atividades



docentes? A prática se dá, como eu reflito sobre esta? Quais meus meios de ter uma postura crítica sobre minha ação profissional? Para ele ensinar não é transferir conhecimento, mas criar possibilidades para sua produção ou a sua construção. Assim o Judô também não é transferido do professor para o aluno, mas construído junto com ele.

Paulo Freire (1996) coloca ainda que somos seres condicionados e não determinados. Assim a os fatores genéticos, históricos, sociais, culturais não serão os únicos a construir nossa realidade. Serão condicionantes e não determinantes.

Pensando a Educação Formal Soares (1996) caracteriza a escola como um momento na vida de quem está em seu interior e não apenas uma preparação para o futuro. Assim nossas aula de Judô serão por si só um momento de vida presente, não se restringindo a qualquer tipo de preparação.

Malina e Bouchard (2002) colocam que muitos jovens abandonam o esporte na medida em que o nível de competição torna-se mais difícil e necessária maior habilidade.

Pesando na relação entre nossas aulas e a competição, podemos questionar se está desistência não se dá por uma incoerência nos modelos de aulas e de competição.

Uma aula que visa sempre preparar para competição deixa de lado diversas possibilidades intrínsecas, um universo de possibilidades que podem se dar na própria aula como momento de ensino-aprendizagem, de construção.

A própria competição passa a se tornar preparação, assim os mais jovens deixam de desfrutar dos benefícios das aulas e de competições pensadas segundo suas necessidades, para fazer parte de



um sistema de pirâmide, em que a aula é preparação para competição, já selecionando os mais aptos, e os níveis de competição vão se sucedendo, sempre selecionado e visando o próximo nível, até chegar aos mais altos níveis.

Mesmo os altos níveis deixam de visar a ação desses poucos que lá chegam para se tornar esporte espetáculo, o esporte deixa de ser para se fazer, passa a ser só para ver.

Refletindo sobre a questão da seleção tornam-se importantes pesquisas com pessoas que deixam de praticar determinada atividade, pois mesmo que o professor tenha uma postura crítica, ele apenas terá acesso àqueles alunos que continuam nas aulas, porém não terá informações sobre os que desistem.

A seleção se dá por um modelo distante, seja por tempos mais baixos, por movimentos mais próximos da perfeição biomecânica, ou qualquer outra realidade distante dos iniciantes. Assim seus corpos e movimentos começam a partir do momento de seu ingresso na atividade a ser moldados, esculpidos segundo o modelo futuro. Daolio cita um momento histórico que reflete uma visão de lapidação do movimento:

[...] Considerava-se técnico aquele movimento preciso, econômico, correto, quase sempre imitativo dos movimentos de atletas de esporte de alto rendimento. Por oposição, os outros movimentos são tidos como não técnicos, errôneos, espontâneos, naturais, merecendo, por parte da Educação Física tradicional, intervenção no sentido de corrigi-los, aperfeiçoá-los e padronizá-los [...] (DAOLIO, 2002, p. 10).



A influência do alto-nível pode gerar incoerências no trabalho com os iniciantes, preferimos entender que o iniciante tem características próprias que fazem com que para ele o jogo e tudo que o cerca, tomem características peculiares. Daolio (2002) apoiado em Marcel Mauss (Antropólogo francês que viveu entre o final do século XIX e a primeira metade do século XX) coloca que técnica corporal como maneira pelas quais os homens de forma tradicional e específica, utilizam seus corpos. Assim, todo gesto corporal pode ser considerado uma técnica, pois atende aos critérios de tradição e eficácia. O gesto deixa de ser somente aquele do esporte de alto-nível, ou do esporte espetáculo, para ser aquele que serve de resolução de problemas de maneira coerente com o entendimento do iniciante.

Lembramos ainda que podem existir mais de uma maneira de resolver os mesmo problemas, as próprias modalidades poderiam se articular para incluir e não para excluir. Daolio (2002, p. 17) “[...] *Os alunos são diferentes e a cada aula os professores devem levar em conta essas diferenças[...]*”.

Para Daolio (2002) o Jogo é um dos temas historicamente construídos pelas sociedades em seus processos culturais. Para João Freire (1989) a criança é especialista em jogo. O jogo aparece como característica humana, o esporte pode se tornar assim algo para o presente do ser humano, para se fazer e não só para se ver. Podemos pensar ainda sobre outros paradigmas que construíram base para as ações na EF.

[...]. Parece que as várias formas de pensar a Educação Física no Brasil também estiveram reféns de paradigmas



Universidade Estadual de Campinas

Faculdade de Educação Física



cientificistas, ou, para utilizar a classificação de Oliveira, reféns de paradigmas da ordem, não tendo se liberado ainda de um estilo de fazer ciência positivista. [...] (DAOLIO, 2002, p. 69).

Um modelo para seres humanos não pode se basear somente nas ciências positivistas, para os seres humanos fatores iguais podem resultar em respostas diferentes.

Em síntese devemos repensar os seguintes paradigmas para reconstruir a realidade da iniciação esportiva: paradigma do rendimento, paradigma da preparação, paradigma cartesiano.



2.3.1. Algumas considerações sobre as relações entre atividade física, crescimento e desenvolvimento

Neste capítulo traremos algumas considerações sobre a relação da atividade física com o crescimento e desenvolvimento dos mais jovens.

A princípio poderíamos propor a seguinte indagação: a atividade física é benéfica ou maléfica para o crescimento e desenvolvimento do ser humano mais jovem (crianças e adolescentes)?

Em qualquer uma das respostas deveríamos ter clareza de como e por que essa atividade gera os benefícios ou malefícios para o praticante.

Seguindo o referencial teórico acreditamos a atividade física trabalhada de maneira coerente é essencial para o desenvolvimento do indivíduo, especificamente neste capítulo daremos ênfase às referências sobre questões biológicas.

Matsudo (2002) coloca sobre os riscos das atividades físicas para os mais jovens:

[...] Qualquer eventual risco aqui mencionado é menor que as consequências de uma infância a adolescência perdida em frente a aparelhos de televisão, vídeo, computadores e outros comportamentos sedentários, que levam a sociedade a alcançar níveis terríveis de doenças crônico-degenerativas, como diabete, hipertensão, obesidade, hipercolesterolemia, osteoporose, entre outras. [...] (p. 123).

Reforçando essa idéia o autor conclui o capítulo:



[...] As evidências epidemiológicas que consideram a relação custo (risco)/benefício permitem concluir que crianças e adolescentes, como preconiza o Programa Agita São Paulo, deveriam acumular pelo menos 30 minutos de atividade física diária de intensidade moderada na maioria dos dias da semana (cinco dias), e se possível todos, de forma contínua e acumulada. É recomendável também que se envolvam em atividades vigorosas, durante 20 minutos, duas ou três vezes por semana [...] (p. 136).

Forjaz (2002) coloca que as funções orgânicas vão se modificando ao longo da vida, dando destaque às ocorridas na adolescência. Assim as adaptações crônicas e agudas em decorrência da atividade física devem ser conhecidas para cada fase do desenvolvimento para que possamos trabalhar programas coerentes com nossos alunos e atletas.

Malina e Bouchard (2002) colocam que o crescimento e o amadurecimento são normalmente influenciados positivamente pela atividade física, mas que este é apenas um dentre diversos fatores. Outro fator importante citado pelos autores é a questão da seleção ou adaptação, ou seja, quando fazemos as pesquisas que indicam um determinado característica física esta é decorrente de adaptação devido à atividade ou de seleção de indivíduos que tem determinada característica.

No decorrer do processo educativo fora do ambiente formal crianças e adolescentes podem entrar em programas de ensino/treinamento de modalidades, no entanto sabendo desta questão adaptação/seleção devemos pensar se nossas ações e até mesmo se as



características das modalidades para esses indivíduos levam ao desenvolvimento ou a seleção de atletas.

Entendendo a atividade física como patrimônio inato e cultural do ser humano, deveríamos pensar ações em nossa atividade docente e até mesmo em eventos competitivos que desenvolvessem as mais diversas potencialidades de nossos alunos. Assim num caso hipotéticos de um determinado time ou equipe que só tem campeões de alto rendimento estaria sendo proposto o desenvolvimento dos indivíduos ou a seleção de talentos?

Ao pensar nas questões de crescimento em estatura Forjaz (2002) colabora para essas afirmações na medida que em que coloca que diversos autores aceitam que a atividade física é essencial para o crescimento normal, sendo que outros autores ainda defendem que ela pode promover o crescimento aumentado, sendo que está pode ser resultado de seleção. Malina e Bouchard (2002) colocam que a atividade física regular não tem nenhum efeito aparente sobre o crescimento em estatura, e que dados que sugiram o contrário são resultados de seleção dos indivíduos para as modalidades. O autor coloca ainda que o adiantamento da maturação pode ser um fator de seleção para as modalidades, sendo que os meninos que amadurecem mais cedo são beneficiados devidos às mudanças física em estatura, composição corporal, força, entre outros, enquanto as meninas normalmente são prejudicadas pelas mudanças decorrentes da maturação, sendo assim aquelas que demoram mais para amadurecer levariam vantagem. Este dado mostra que certas modalidades às quais são atribuídas alterações biológicas muitas vezes são fruto de simples seleção.



Aparece ainda a questão da adequação do treinamento às fases de desenvolvimento:

[...] a atividade física excessiva pode prejudicar o crescimento estatural, [...], principalmente durante a aceleração do crescimento na puberdade, apresentam ossos frágeis e mais propensos a lesão por sobrecarga (FORJAZ, 2002, p.100)

A densidade óssea também é citada como característica influenciada pela atividade física na infância, esse acréscimo mesmo menor que o fator genético pode trazer benefícios: o aumento de densidade óssea na infância, adolescência e idade adulta pode diminuir os efeitos da osteoporose na velhice. Por outro lado cargas muito intensas podem reduzir a densidade e até levar a deformações.

Forjaz (2002) sugere que se têm atribuído as grandes sobrecargas do treinamento em ginastas como um fator possível para as menores médias de estatura, no entanto a seleção é apontada como fator determinante. Lollo, Cazetto e Montagner (2004) apontam indícios de que práticas pensadas para as idades adultas se tornem inadequadas para eventos crianças ao estudar questões competitivas e aspectos nutricionais. Assim poderíamos inferir que possivelmente métodos e intensidade de treinamento da fase adulta poderiam influenciar o treinamento dos mais jovens, sendo assim essas sobrecargas poderiam ser inadequadas.

Sugere-se assim que as cargas de treinamento levam também em consideração aspectos de crescimento e maturação nas diversas fases do desenvolvimento do indivíduo. Sendo que metodologias próprias



Universidade Estadual de Campinas

Faculdade de Educação Física



devem ser criadas para os mais jovens e não refletir modelos do alto-rendimento.

Com relação à composição corporal a atividade física demonstra ter influência da diminuição do percentual de gordura, sendo que o aumento de massa magra (sobre tudo massa muscular) aumenta mais nos meninos e após a puberdade. Sendo que demais ganhos se dão por melhorias neurais (maior recrutamento de fibras e coordenação inter e intra-muscular). (FORJAZ, 2002; MALINA; BOUCHARD, 2002).



2.3.2. Algumas considerações sobre a especialização precoce

Como colocado anteriormente, os iniciantes, em especial as crianças, tem suas características próprias, já são não estão se preparando para ser. No entanto muitas vezes na busca de altos níveis de rendimento se esquece as potencialidades e necessidades de cada indivíduo, e a atuação profissional deixa de ser para o indivíduo e passa a ser para o possível futuro atleta de alto-rendimento.

Lollo, Cazetto e Montagner (2004) encontraram indícios de problemáticas envolvendo principalmente questões relacionadas à perda de peso e os aspectos ligados ao crescimento e desenvolvimento da criança.

A estrutura e as práticas do alto-rendimento muitas vezes podem se tornar inadequadas quando transferidas para outras realidades, por exemplo, a iniciação. No exemplo supracitado os autores verificaram a influência da transferência das práticas de categorias de peso praticadas no alto-rendimento que acabaram historicamente sendo traduzidas para a realidade da iniciação esportiva. Encontrou-se também indícios de que a prática e técnicas de perda de peso também pode acabar chegando às categorias de base.

Alguns autores colocam que competições deveriam ocorrer em idades mais elevadas: “[...] *os períodos pubertário e pós-pubertário são indicados como as idades próprias para a especialização desportiva. [...]*” (AÑO, 1997 apud NATALINO, 2004).



Universidade Estadual de Campinas

Faculdade de Educação Física



No caso específico do Judô, Lapa (2002) coloca que a há muito tempo o judô vem se tornando um esporte competitivo em todas as faixas etárias, principalmente na categoria infantil devido à criação, na antiga gestão da CBJ, dos campeonatos brasileiros de 9/10 11/12 e 13/14 anos. Antes só existiam campeonatos brasileiros para atletas acima de 15 anos. Com o surgimento dos mesmos, as disputas infantis deixaram de ser eventos educativos e descontraídos e começaram a valorizar somente a importância de ser sempre o campeão.

Paes (1992) cita diversas preocupações apontadas na literatura sobre a questão da especialização precoce em diversas modalidades:

[...]a categoria mini foi criada por Jay Archer em 1950, tendo como principal objetivo o aspecto de sociabilidade, ou seja, a integração de crianças por uma prática recreativa, formativa e educacional. A proposta marcava, preponderantemente, as noções de solidariedade, alegria e de uma prática saudável, tendo o basquetebol como meio. (DAIUTTO, 1983 apud PAES, 1992, p. 18).

O caso do Tênis também é citado:

[...] Federação Internacional de Tênis preocupada com problemas causados pela especialização precoce, estabeleceu normas proibindo a competição internacional antes dos 14 anos (NUNO, 1985 apud PAES, 1992, p. 19).

E o autor continua:

O professor Nuno Cobra, demonstra sua preocupação, de forma generalizada, com a competição precoce relativa a praticantes de tênis de campo. Dimensiona o problema



em função de lesões que poderão ocorrer com crianças que buscam a especialização prematura. Essas lesões acontecem em decorrência das exigências do treinamento e na aprendizagem de diferentes golpes, visando um melhor rendimento. As contusões mais frequentes são provenientes de bursites no ombro, “tennis-elbow” e estiramentos musculares, principalmente nos adutores da coxa, além de lesões psicológica que, segundo o autor, é a pior delas.(NUNO, 1988 apud PAES, 1992, p. 26).

Os problemas perpassam as questões físicas e chegam às questões psíquicas, o universo objetivo e subjetivo da criança é invadido pelo esporte, torna-se parte dela e do adulto que ela virá a ser. Ainda nas questões físicas temo o exemplo da ginástica.

[...] 75% dos jovens ginastas sofriam não só de problemas lombares, de frequentes traumatismos ao nível das epífises, e das superfícies articulares mas também prejuízo de ligamentos e tendões” (SEURIM, 1974 apud PAES, 1992, P37).

Outros estudos apontam problemas ósseos:

[...] muito se discute na literatura quanto à recomendação da intensidade adequada da prescrição de exercício físico para população adolescente, uma vez que, caso o treinamento se torne muito extenuante, os benefícios gerados pela atividade sobre a saúde dos ossos podem ser minimizados ou anulados. Embora muita controvérsia ainda envolva o tema, independente do tipo de esporte praticado, o aumento de intensidade do treinamento deve ser razoável e coerente com as metas, sendo enfatizado treinamento seguro e eficaz para cada uma das faixas de idade e momentos da maturação biológica, independente dos calendários competitivos. (SILVA, TEIXEIRA, 2003).



O treinamento para as competições é, entre outros fatores, um reflexo do modelo competitivo instituído pelas federações, a literatura mostra a preocupação com os modelos de treinamento aplicados aos mais jovens, que muitas vezes são muito semelhantes a modelos do auto-rendimento. Para Año (1997 apud NATALINO 2004) diz que a especialização precoce é resultado da aplicação de sistemas não adequados ou a aplicação literal dos sistemas de treino dos adultos com crianças e jovens. Entendemos que a realidade é um fruto de uma construção social, que depende de fatores históricos e do significados atribuídos pelos personagens que a constroem. As características psicológicas e biológicas dessa faixa etária exigem estudos e modelos próprios, a literatura sinaliza modificações necessárias nesse âmbito. Rosada afirma que o treinamento só se acentuará na formação de uma criança, a partir do momento que existir uma base. Esta base é a chamada maturidade sensório-motriz, que, no processo de desenvolvimento da criança surgirá somente na segunda infância. Sendo assim, todo treinamento realizado com crianças antes da terceira infância é prejudicial a sua formação (AÑO, 1985, apud PAES, 1992).

Paes se preocupa com a questão do contato físico como potencializador do risco de lesão:

[...] O basquetebol possui uma agravante séria, pois é uma modalidade onde o contato físico se faz presente. A característica biofísica do educando poderá lhe dar vantagens e desvantagens na prática da modalidade. Essas situações podem se tornar perigosas, em uma perspectiva educacional, pois o confronto físico implica na maioria das vezes, situação irreal de superioridade;



uma criança com biótipo privilegiado poderá se sobrepor a uma outra inferiorizada circunstancialmente pode possuir o biótipo não tão privilegiado para pratica do basquete [...] (PAES, 1992, p. 19).

Como no basquetebol, ou até de maneira mais acentuada, o Judô é uma modalidade de intenso contato físico.

Poderíamos questionar o valor dessa iniciação em fases mais jovens como uma estratégia para formar atletas de alto-nível. Porém a literatura mostra através justamente o contrário:

[...] o valor da categoria para a formação do atleta de alto nível é no mínimo duvidoso. Faz-se necessário lembrar que torna-se muito difícil a manutenção do estado atlético de um jogador, que busca a plenitude na categoria mini. Em função dos resultados imediatos, ele tentará manter, em todos os níveis, esse estado. Até chegar a categoria adulta, existirá um período de tempo longo, cerca de 10 anos, no qual inúmeros fatores interferirão. Durante esse período há toda uma história de vida, que não é, e não pode ser na prática, subordinada a resultados imediatos. (PAES, 1992, p. 20).

Outros autores colaboram para essa afirmação:

[...]. O sucesso momentâneo não pode ser uma segurança para o futuro. A criança que ganha no momento, por ser maior mais pesada, [...] vantagens que podem diminuir ou mesmo desaparecer com a maturidade biológica.[...] (SEURIN, 1983, apud PAES, 1992, p. 38).

Pensando nas questões relativas ao treinamento, tais práticas também são duvidosas: “o grau de treinabilidade em pré-puberes



parece de alguma forma menor do que em grupos de idade mais maduros” (ODED, 1989 apud PAES, 1992, p. 34).

Sobre a maturação Malina e Bouchard (2002) colocam que muitas vezes a maturação pode ser um fator de vantagem para os atletas que amadurecem mais cedo. Muitas vezes pode-se deixar de propiciar um repertório abrangente para aqueles em que isto ocorre. Como exemplo podemos citar o caso da criança que cresce primeiro e só joga na posição de pivô no basquete, deixando de vivenciar outras possibilidades e de entender outras posições, ou de um judoca que ao crescer primeiro só treina golpes como uchi-mata, por exemplo, e não aprende outros golpes. Em ambos os casos se esse quadro se inverte mais tarde, fazendo com que o atleta deixe de ser mais alto, por exemplo, ele não teve uma formação global que permita entender o jogo em sua totalidade.

Por fim cabe ressaltar que existem outros objetivos para o desporto nessa faixa etária:

O desporto infantil não deve ser orientado para fazer campeões, pois este é o objetivo das competições para adultos. Obrigar a criança a ser campeã é a mesma coisa que obrigar a criança a trabalhar numa fábrica e exigir rendimento. Deve proporcionar a ela muitos torneios e jogos e, com esse procedimento, oferecer maiores possibilidades e oportunidades de sucesso. Deve-se ainda proporcionar ao praticante:

- 1) – Um leque amplo de atividades diversificadas em que o jogo e a exercitação sejam realizados de forma a não prejudicar os períodos de crescimento, isto é, sem solicitação excessiva das fontes de energia que suportam esse crescimento
- 2) – Um programa rico em pequenas competições de curta duração, de pequena organização, de ligeiro



formalismo, que favoreça à criança um clima facilitador de demonstração da aprendizagem conseguida em períodos de curtas atividades (uma semana, duas semanas) o que pode assumir as características de jogo-treino, [ou jogo-aula dependendo do contexto], torneios amigáveis, torneios por convites, provas combinadas, etc.

3) Um programa reduzido de competições de âmbito nacional, com organização formal e com a seriedade exigida pelo empenho da criança e com todas as preocupações pedagógicas que temos salientado ao longo deste trabalho (LIMA apud PAES, 1992, p. 29).

O centro do mundo esportivo dessa faixa etária deve ser a criança e não o interesse pelo alto-rendimento. Parlebas (1987) apud Paes (1992) diz que o problema das regras do jogo é que ela coloca em primeiro lugar o jogo e não o jogador. Paes exemplifica o caso do mini-basquetebol no qual poucas mudanças são feitas em relação ao jogo do adulto. E conclui o pensamento dizendo que a existência de tal categoria só se justifica com cunho educativo. Neste caso: “[...] o movimento é somente questão de repetição, caracterizando-se basicamente como adestramento e não como atividade educativa. O problema reflete até na questão dos calendários esportivos: “Acima de qualquer calendário, a periodização do treinamento com crianças deve considerar as fases de desenvolvimento” (PAES, 1992, p33). Existem necessidades específicas dessa faixa etária: “[...], até os 12 anos a proposta deve ser o máximo possível recreativa, objetivando oferecer maior experiência motora” (CARAZZATO, 1989 apud PAES, 1992, p 36).



3. Pesquisa de Campo

A pesquisa de Campo foi realizada entre os meses de Fevereiro e Maio de 2004 no Município de Campinas e envolveu nove instituições de ensino (Formal e não Formal). Sendo composta por entrevistas e diário de campo (método de observação exploratório-descritivo).

3.1. Universo e amostragem

O universo da pesquisa foi ambientes onde houvesse aulas de Judô envolvendo aluno(s) com idades entre seis e doze anos (Categorias Mirim, Infantil, Infanto-Juvenil e Pré-Juvenil).

Dividimos os ambientes em três grupos: Academias, Clubes e Escolas. Objetivando principalmente identificar diferenças no tratamento dado à modalidade em cada um dos grupos de ambientes.

Tendo em vista a dificuldade em obter informações que traduzissem o universo real de cada grupo optamos por uma amostra não probabilística pelo critério de acessibilidade. Assim, aleatoriamente três ambientes de cada grupo foram visitados na medida em que os professores se dispuseram a participar da pesquisa.

No grupo das academias e clubes os três primeiros contatos de cada grupo concordaram em participar da pesquisa. Já no grupo das escolas dois professores não se dispuseram a participar da pesquisa, sendo necessários novos contatos.



3.2. Material e Métodos

Na pesquisa de campo optamos por dois instrumentos de pesquisa. Ambos os instrumentos foram previamente testados no piloto realizado no primeiro semestre. O piloto continha também um terceiro instrumento (questionário aos alunos) que foi descartado depois do piloto por não traduzir a realidade.

O primeiro se constitui de um questionário áudio-grafado através de gravador de fita k-7. O modelo de questionário lido pelo pesquisador se encontra no anexo 1.

O segundo instrumento se constitui de um procedimento de observação assistemática, individual, não participante em campo. Este procedimento permitiu validar o questionário e trazer anotações sobre uma aula de cada professor.

3.3. Resultados

Segue um resumo das principais características retiradas da pesquisa de campo (questionário e anotações). O número de locais visitados e a natureza não probabilística não permitem constatações, mas sim apontamentos para construção de instrumentos de pesquisa que possam vir a confirmar os apontamentos do estudo.

Por constituir-se de um questionário áudio-grafado os resultados se constituem das percepções e auto-percepções dos entrevistados. As



observações de aula são constituídas pela percepção do pesquisador com base na literatura.

Cabe ressaltar que uma importante limitação a ser considerada pelo leitor é de que o processo de ensino-aprendizagem é um processo longitudinal, enquanto que a pesquisa só foi possível através de uma coleta transversal, apesar desse recorte contribuir para o entendimento da realidade ele é insuficiente para entender este fenômeno em toda a sua complexidade.

3.3.1. Quantitativos

Aqui se encontram dados mensuráveis, ainda que a natureza do processo de ensino-aprendizagem não possibilite grandes quantificações alguns dados podem ajudar futuros pesquisadores na busca de diferenças entre as populações.

2.3.1.1. Perfil do Professores

Os entrevistados relatam ser brasileiros, em sua maioria naturais de Campinas (88,89%), que apenas 11,11% relatam ter nascido foram do município da pesquisa.

A grande maioria respondeu ser do sexo masculino (88,89%). Quanto à idade temos a seguinte distribuição: 66,67% com idade entre 18 e 30 anos; 11,11% com idade entre 31 e 40 anos; e 22,22% com idade acima de 40 anos.



A pesquisa ainda aponta que as médias de idades mostram uma tendência de que o profissional que atua no âmbito escolar tenha média de idade menor do que nos outros âmbitos (Escolas: 25,33 anos; Academias 31,67 anos; e Clubes 36 anos).

No questionamento sobre formação acadêmica os entrevistados relataram ser em sua maioria graduados (55,56%), enquanto que 33,33% afirmam possuir pós-graduação e apenas 11,11% alcançaram somente o nível médio de ensino. 66,67 alegam serem formados em Educação Física.

A idade de início na modalidade mostra que a maioria começa nas categorias menores. 55,56% inicia a prática com sete anos ou menos; 33,33% entre 8 e 12 anos; e apenas 11,11% com mais de 12 anos.

Esta distribuição de idades se por um lado indica uma estrutura que privilegie a presença das idades menores dentro da modalidade por outro lado mostra que dificilmente existam iniciantes que continuem na modalidade chegando até a atividade docente. Evidenciando que além da necessidade primordial do tratamento coerente que deve ser dado na iniciação nas categorias de base também existe a necessidade de políticas que privilegiem a iniciação em todas as faixas etárias.

A grande maioria relata já portar a faixa preta ao início da atividade docente (44,44%), 33,33% a marrom e apenas 22,22% iniciaram portando apenas a faixa roxa. Cabe refletir o quanto a formação técnica é relevante e em que âmbito ela deve ser privilegiada, uma vez que entendemos que em alguns âmbitos, em especial no ensino formal, e em algumas fases, sobretudo na faixa



etária em questão (12 anos ou menos), a formação técnica não deve ser a principal qualidade do professor, no entanto a graduação também está ligada a questões de conhecimento históricos e filosóficos. A formação do professor que atual nesta faixa etária deve ser principalmente voltada às questões pedagógicas, a graduação deve ser privilegiada devido à suas questões históricas e filosóficas e a formação técnica não deve ser o eixo norteador do processo pedagógico.

Dentro do âmbito específico da modalidade temos a seguinte distribuição das afirmações:

Faixa Atual: Marrom – 11,11%; Preta Primeiro Dan 22,22%; Preta Segundo Dan 22,22%; Preta Terceiro Dan 33,33%; Preta Quarto dan 11,11%.

Nível de Arbitragem, a maioria possui nível regional ou inferior (44,44%), 33,33% possuem nível estadual e apenas 11,11% tem nível nacional ou superior.

O nível de arbitragem é um indicativo de ligação com o meio esportivo, embora a atividade esportiva seja relevante é necessário trabalhar todos as significados do Judô. Este estudo indica que a maior parte dos professores tem um envolvimento com o Judô esportivo, mas este envolvimento não é marcante para o exercício da atividade docente, ou seja, os professores que atuam neste mercado de trabalho não apresentaram predominantemente altos níveis de arbitragem.

No que diz respeito à formação continuada os professores em sua maioria afirma ter frequentado cursos para sua formação (88,89%).



3.3.1.2. Aulas

O tempo de aula relatado nos clubes foi de uma hora. Já nas academias esse tempo já foi relativizado, de acordo com a idade ou com o número de alunos, variando de 30 a 60 minutos. Nas escolas as respostas variaram de 30 a 50 minutos. Apesar da diversidade de respostas podemos notar que nos clubes as aulas são mais longas, podendo indicar uma presença de treinamento visando competição neste âmbito.

Quando questionados sobre o tempo que os alunos tem de preparação antes do primeiro campeonato 33,33% dos professores responderam que os alunos não competem, 33,33% responderam que os alunos devem ter mais de um ano de treinamento/aula antes de competir e 33,33% menos de um ano.

Está distribuição de dados nos mostra que já existem instituições que dão um tratamento pedagógico, sendo o Judô nesta fase um instrumento, um meio para uma proposta coerente com o desenvolvimento global do indivíduo. Outras instituições não negam a competição, mas preferem deixar o aluno vivenciar, amadurecer mais dentro da prática para então começar a competir. No entanto ainda existem instituições que levam os alunos para competições com menos de um ano de treinamento.

Podemos considerar que a frequência semanal de aulas é menor nas escolas do que nas academias e clubes.

As respostas dos professores sobre conteúdo das aulas e sua metodologia traziam a idéia de se utilizar de brincadeiras e jogos, de



maneira a privilegiar a formação global do indivíduo deixando a técnica num segundo plano para etapas posteriores.

3.3.2. Qualitativos

Aqui constaram dados de natureza não mensurável por números. Entendemos que a reflexão sobre esses dados é fundamental para o entendimento da realidade do Judô neste cenário específico.

3.3.2.1. Considerações sobre algumas colocações dos professores (Questionário)

Aqui serão comentados algumas colocações da contribuição dos professores através das entrevistas.

Na entrevista da Academia 1 o professor faz a seguinte colocação:

[...] E tenho feito alguns cursos, mas faz tempo que eu não faço curso específico, faz tempo que eu não faço, mas fiz muitos cursos durante esses anos todos porque eu sou formado em Educação Física desde 82, nestes anos todos em fiz pedagogia depois e fiz uma série de cursos tanto na área de Educação Física quanto da área de Pedagogia como também fiz todos os cursos agora em 2001, 2002 da Federação Paulista de Judô. Aqueles cursos de pedagogia. Defesa pessoal, não sei o que, não sei o que[...].



Vemos que a iniciativa específica das Federações podem contribuir com a ação profissional, se pensadas de forma coerente e objetivando o desenvolvimento dos indivíduos praticantes.

Uma vez que o professor já formado há vários anos ainda apresenta contato com a Federação está pode estabelecer contato com o meio acadêmico e portanto com produções mais recentes, permitindo assim a atualização do profissional.

Essa formação segundo a fala do professor pode ser bem eclética, atingindo aspectos técnicos, táticos, pedagógicos entre outros.

A massificação destes cursos pode contribuir para que sejam colocados custos mais acessíveis. Este espaço pode servir também para a interação entre os professores uma vez que as ações sociais pensadas coletivamente poderão ser melhor pensadas do que as pensadas apenas individualmente, uma vez que as problemática e suas respectivas soluções podem ser pensadas coletivamente.

Quando perguntamos sobre a sua classificação enquanto árbitro ele responde:

[...] Pessoalmente eu não gosto de arbitrar, não é uma coisa que eu faça com gosto, eu faço por que eu sou obrigado quando eu tenho que passar de faixa. Então certamente a minha classificação é a menor possível. Eu só atuo como arbitro quando eu tenho que fazer pontuação para fazer exame de faixa. Não é uma coisa que eu goste.[...]

Devemos lembrar que a manifestação esportiva do Judô é apenas uma dentre várias que podem ser atribuídas pelos indivíduos em suas



construção social. Porém ela é uma manifestação legítima que deve ser trabalhada. Cabe também conhecer o quadro atual de competições e suas implicações para o desenvolvimento global do indivíduo para que possa ser repensadas as problemáticas relativas a competição.

Conhecimento mínimos sobre arbitragem podem contribuir para que o professor possa trabalhar esses conhecimentos dentro de seu projeto pedagógico com os alunos.

Atuar como árbitro pode trazer uma possibilidade de empatia, criticar a organização e a arbitragem se torna fácil uma vez que só consumimos passivamente o que é oferecido pela mesma. As Federações devem representar interesses sociais, a aproximação entre os grupos faz com que propostas mais coerentes e adequadas seja construídas pensando em contemplar as diversas necessidades de cada grupo.

Quando perguntamos sobre competição:

[...] Eu não levo as crianças para competição. A minha garotada ela só vai começar a competir dos 12, 13, 14 anos se gostar e se quiserem. Tá certo, o que eu trabalho é um trabalho mais virado para a Educação Física, formação corporal, a coordenação motora, formação do vocabulário motor. Não trabalho com competição para as crianças.[...]

Fica evidente nesta fala o Judô como meio. Porém ensinar o Judô como conteúdo da cultura corporal também pode ser um foco possível, ou seja, como fim. A problemática da competição aparece no texto como uma preocupação do professor, sobre tudo para as crianças.



Mais a frente o professor comenta:

[...] Eu acho que a criança ainda não está, ela não tem ainda uma estrutura física, emocional e psicológica para estar enfrentando uma situação tão adversa quanto uma competição de Judô.[...]

Assim se a competição é uma situação de tamanha adversidade devem ser feitas pesquisas para que estas sejam modificadas de maneira a contribuir com o desenvolvimento do indivíduo. Ações devem ser pensadas dentro e fora do meio acadêmico para que estes eventos sejam repensadas essas problemáticas.

O professor coloca ainda a possibilidade de se trabalhar a luta de chão como sendo mais fácil e menos arriscada que a em pé. É notório no Judô uma predominância da luta em pé com relação a de chão. Observando-se as regras veremos uma grande influência das regras do Judô adulto sobre o das categorias de base.

Cairíamos na indagação o Judô pensado para adultos, pensados nos moldes Olímpicos, pensados para a televisão é o mesmo Judô que deve ser praticado para as crianças visando uma contribuição com o seu desenvolvimento global? Provavelmente não, as práticas nesta idade tem características próprias, as crianças tem necessidade e potencialidades diferentes dos adultos.

Lembramos ainda que o Judô não tem apenas o significado esportivo, e mesmo eventos que tenham a presença de competição não precisam se pautar por um modelo único nem apenas a uma única modalidade de disputa. Assim eventos que envolvam crianças tem que ser pensados para crianças.



As regras atuais do Judô, sobre tudo as que dizem respeito a combatividade, são pensadas dentro dos paradigmas do esporte espetáculo, ou seja, o esporte para ser assistido. O esporte na infância é para ser assistido ou para ser praticado? As crianças entram no Judô nesta fase para vivenciar ações e sentimentos que contribuíram com suas vidas ou para servirem de espetáculo para pais e professores?

Partimos do pressuposto que eventos na infância visam que as crianças se desenvolvam globalmente. Partimos do pressuposto que o Judô tem diversas manifestações. Por tanto entendemos que eventos com presença de crianças devem ser marcados por diversidade de modalidades propiciando a participação e a colaboração e devem evitar ao máximo a hiper-competitividade.

Ainda nesta entrevista o professor contribui dizendo que devemos desenvolver as habilidades básicas mais do que as específicas nesta faixa de idade.

Desenvolver tais habilidades pode contribuir com a interação social das crianças uma vez que ela pode praticar mais atividades e por tanto se relacionar com pessoas em ambiente diferentes. Ou seja, uma criança que pratica diversas modalidades nesta fase pode através do movimento se expressar e se relacionar em diversos meios, exercitando a tolerância e convivendo com as diferenças.

Este professor divide as crianças por faixa etária, o que propicia que pense atividades mais coerente com cada idade e não com uma metodologia e conteúdo único que deve ser aprendido por todos. Devemos lembrar porem que a idade cronológica nem sempre reflete a idade biológica ou outros tipos de maturidade (psicológica e social, por exemplo). Cabe ressaltar ainda que conviver com crianças



diferentes é importante para o desenvolvimento da criança. Ou seja, se por um lado a convivência com os semelhantes pode contribuir para propostas pedagógicas coerentes por outro também deve haver possibilidade de convivência com crianças de outras idades, níveis de treinamento, maturidade, entre outros.

O professor apresenta ainda os jogos e brincadeiras com meio para ensinar o Judô, este por sua vez para ensinar competência emocional e melhorar a qualidade de vida.

Conteúdos de natureza tática não são citados diretamente.

Na segunda academia o professor comenta:

[...] Comecei a ajudar meu pai, que foi meu professor com 16 anos de idade, mas como se sabe, nas lutas é muito comum o mais velho ou o mais graduado ajudar o professor, mas realmente eu tinha o compromisso real de auxiliar aos 16 anos. [...]

O Judô é um reflexo do ambiente social em que foi criado, naquele momento o Japão sucede um momento em que se vivia em regimes feudais, por tanto de castas e de hierarquias rígidas. No Judô temos a presença dos corrais (mais novos) e dos sempais (mais velhos). Podemos porém, tirar proveito disso dentro de nossa proposta pedagógica, as crianças podem participar ativamente da construção das aulas, ajudando a dar aulas, de maneira que as aulas seja construções que tem o professor como guia e não como dono do conhecimento.

Mais a frente o professor contribui dizendo que mesmo que as crianças participem de campeonatos este não é o foco da aula. Ou



seja, que os eventos de natureza competitiva não são os norteadores para a aula. Ao elaborarmos aulas tendo em vista campeonatos estamos dentro de um paradigma maior, a preparação, assim as crianças deixam de ser para estarem se preparando para ser. As crianças não vão ser, já são, as aulas não são preparação para campeonatos, as aulas são momentos de interação social, de conflitos, de alegrias e tristeza, de mudança e de movimento.

Na entrevista cita também que trabalha com a luta no chão, principalmente com as crianças mais novas. Essa possibilidade já havia sido colocada pelo professor da entrevista anterior. As aulas e os eventos devem propiciar que as crianças aprenda todo as possibilidade de pratica do Judô, em pé e no chão.

O professor discorda do atual modelo competitivo:

[...] Da FPJ para crianças, não sei... talvez para... você sabe, já conversamos sobre isso. Mas imagino que as competições para crianças têm enfocar outras coisas, referente as suas idades... e não ver quem ganha e quem perde, quem é campeão e perdedor, primeiro ou ultimo. E sim possibilitar experiências e aprendizados diferentes e cobranças mais rígidas mostrar o caminho certo, e não simplesmente vitória ou derrota. [...]

Nesta fala, o professor ao invés de pensar a competição como fim, como objetivo dos treinos, pensa nela como um meio, e por tanto propões que sejam repensadas.

As competições na fase adulta evidenciam a vitória e a derrota como únicos resultados possíveis. O vitorioso é valorizado, por tanto pode continuar, avançar na chave até ser campeão, enquanto o perdedor é eliminado e pode voltar para casa.



Cabe questionar se devemos fazer sistemas de chaveamento para crianças com seis anos de idade, cabe questionar se o critério para as categorias deve ser idade e peso, cabe questionar se uma luta e conseqüentemente o campeonato de uma criança pode durar apenas poucos segundos terminando com uma derrota por ippom logo após segurar no Judô-Gui.

Ao perguntarmos sobre a idade que as crianças devem começar a competir o professor responde:

[...] Depende do tipo de competição. Festival interno com cinco anos é possível, no esquema medalhas para todos e sem caracterizar o vitorioso e melhor e o derrotado e pior da turma. Campeão e perdedor com dez anos para frente, porém com outras cobranças e não uma área de 12x12 metros com três caras de terno preto falando japonês[...].

Ou seja, talvez a maior questão não seja a existência de eventos nessa fase, mas ao fato de que os eventos são pensados para adultos e aplicados às crianças.

O professor cita ainda publicações que propõe regras mais suaves para crianças, visando a aprendizagem, pensadas especificamente para essa fase do desenvolvimento.

Na terceira academia o professor cita que começa a aula com atividades de recreação e depois trabalha gestos mais específicos. O professor cita ainda a importância da historicidade na formação dos alunos. Cabe lembrar que as aulas têm que contemplar o ser humano em sua integralidade, é possível e coerente que se trabalhe aspectos



históricos assim como discussões, entre outros elementos, dentro das aulas, as aulas não têm que obrigatoriamente ser apenas práticas, ou sinônimo de treinamento físico.

Na fala do entrevistado o jogo (que ele chama de recreação) aparece como meio, como estratégia para passar técnicas, ou para que a criança não perca o gosto pela prática. Apesar dos jogos e brincadeiras se constituírem de meio eficaz ele também é fim. Ou seja, compreender o Judô enquanto jogo também é fim, o jogo pelo prazer de jogar também pode ser fim se entendermos que as crianças não estão ali apenas para se preparar.

Mais adiante fica claro a questão da preparação na fala do professor sobre o objetivo das aulas: “Preparar a criança para fases mais avançadas com fim competitivo.” O professor também cita as competições como meio para ensinar valores. E descorda do modelo atual de competições:

[...] Totalmente diferente do que é hoje acredito que não deva ter ganhador ou perdedor de maneira alguma, todos devem apenas participar. [...]

E justifica sua afirmação:

[...] Porque nesta idade não se deve e não se pode diferenciar o talentoso do não talentoso apenas pelo fato de vitória e derrota. O impacto para uma criança ver um ginásio lotado e receber qualquer tipo de cobrança referente ao seu desempenho é tolice e prejudicial. [...]

Mais uma vez fica claro o professor em questão considera o atual molde inadequado para a criança.



No primeiro clube quando perguntamos ao professor quanto tempo de aula tem seus alunos nessa faixa etária antes do primeiro campeonato, ele respondeu: “No mínimo faixa azul e acima dos 12 anos, aproximadamente um ano de treinamento.”

Aqui podemos ver que além da idade o professor considera que o nível técnico (ou outro tipo de graduação que o coloque como faixa azul) é importante para definir a participação em campeonatos. No entanto são raros os campeonatos que dividam os alunos por este critério, o que prejudica a participação do iniciante e aumenta a responsabilidade dos mais velhos. Este grau de responsabilidade também foi observado no procedimento de observação das aulas, em que os alunos recebem maiores cobranças por serem mais graduados. Isto se agrava se pensarmos que a mesma divisão de faixas é usada para adultos e crianças.

Mais adiante o professor também utiliza a palavra recreação para caracterizar jogos e brincadeiras dadas como meio para ensinar técnicas. Este professor, como na entrevista na academia 01 coloca a questão da gradatividade para se ensinar o Judô.

O paradigma da preparação aparece mais uma vez quando perguntamos para que estes conteúdos devem ser ensinados: “Para melhorar o seu desenvolvimento como um todo e colher melhores resultados no futuro.”

A competição também aparece como um meio: “Como complemento do treinamento e auto-desenvolvimento.”

No segundo clube o professor coloca que sua aula partes lúdicas porém já com ênfase nas partes técnicas, liberando as crianças que

.....



julga mais aptas com três ou quatro meses de treino para a participação em campeonatos.

Ao caracterizar seus conteúdos fica evidente o Judô trabalhado como modalidade esporte. Cabe lembrar que existem outros significados possíveis atribuídos à prática do Judô, tais como defesa pessoal.

Em sua fala a preparação para fases futuras também aparece. Sobre os objetivos da competição o professor comenta:

[...] Sociabilizar, ser mais independente dos pais, mais alguns outros assim, não tem assim, o principal objetivo não é ganhar. Pelo menos eu penso assim, o principal objetivo é eles se virarem mesmo sozinho, e conhecer mais gente. [...]

Fica claro a competição como um meio, em especial se diferencia de outras falas por mostrar a dimensão social que podem ser dada para eventos para as crianças. Eventos nessa fase muito mais que selecionar atletas podem propiciar as crianças o prazer de conhecer novas pessoas, de viver essa fase da vida.

Quando perguntamos suas opinião sobre as regras para os mais jovens ele responde:

[...] Tem que ser adaptado algumas coisas, tem muita coisa que..., mas eu acho que tem mudar principalmente não são as regras assim em si, são a mentalidade dos professores que ensinam uns golpes pros moleques que nem é a hora de ensinar ainda pro moleque ganhar a competição. [...]



O professor ressalta que o problema não é só a maneira que a competição é realizada, mas o valor que é dado para ela. Cabe entender que cada pessoa, de cada grupo (pais, professores, árbitros, dirigentes, atletas) vão atribuir significados diferentes a competição, assim não podemos nos isentar da responsabilidade de criar eventos que protejam as crianças da hiper-competitividade e da especialização precoce.

O entrevistado justifica sua colocação:

[...] Para não ficar, para não ter aquela pressão de que tem que ganhar entendeu, tem que, o moleque tem que derrubar, o moleque tem que ir lá um primeiro lugar se divertir, lógico ninguém quer perder, mas que seja uma consequência não que seja uma coisa assim na cabeça do moleque que ele tenha que fazer aquilo. [...]

Em sua fala aparece a competição como diversão. Assim os eventos podem ser pensados também com essa finalidade presente, e não apenas como preparação, não só como meio, mas como fim, um fim de interação social, de alegria, de aprendizado.

No clube número 03, sobre sua formação continuada o professor responde:

[...] Tenho, ainda mais agora com a exigência do CREF. Acabamos fazendo vários cursos. Vou começar de trás pra frente de marketing visando o trabalho dentro do Judô, fazendo..., foi um encontro científico, tivemos dois. Sobre..., tinha médicos, pessoal explicando sobre lesões no Judô. Sobre..., como condicionamento físico, o que preparar, instruções sobre alimentação. E os cursos específicos da Federação. Com parte técnica, parte disciplinar e história do Judô. [...]



O professor identifica assim uma possibilidade de contribuição para a sua formação vinda da Federação e do Conselho de Educação Física.

Na sua fala fica claro a questão da educação do movimento:

[...] Vou lapidando, mostrando colocando numa posição melhor para dar uma alavanca. Pra fazer posição de braço, uma perna. Para que vá fortalecendo né, o seu corpo, a sua musculatura, ele vai tendo aquela coordenação, aquele ponto de equilíbrio dele [...]

Consideramos que os conteúdos técnico podem estar dentro de um programa de ensino na iniciação, porém este não deve excluir outros conteúdos igualmente relevantes nem serem cobrados de forma a exigir rendimento do iniciantes, principalmente crianças.

Abaixo o professor exemplifica a questão da superação dos obstáculos e o incentivo do professor:

[...] O iniciante já fala: “eu acho que não vou conseguir”, que ele já vê um outro fazendo. Ai eu falo: “te vendo aquele rapazinho fazendo lá, claro que você vai conseguir fazer”. Ai ele começa a fazer, meio desengonçado, daí no segundo, terceiro ele já consegue acertar. Muito feliz. [...]

O texto mostra a percepção do professor sobre a situação de tensão que é submetido o iniciante. Assim o professor deve servir como facilitador do projeto e não como instrumento de cobrança e seleção para talentos do auto-rendimento.



O professor caracteriza a competição para justificar suas cobranças nos treinos e as coloca como uma motivação extrínseca:

[...] eles começam a ver por que, que ele está fazendo aquele exercício, por que, que eu obrigo ele a fazer aquela coisa certinha, por que ele tem que jogar o outro e não cair. Por que aí ele vai começar a sentir a parte da competitividade, por que uma hora eles acham que tudo eles podem, daí a hora que aparece um melhor e vem vencendo. Ele fala: "pó" daí eu tenho que treinar um pouquinho mais para poder melhorar ou prestar mais atenção. E ele evolui no Judô, por que ali é uma situação real. Então, perde ninguém gosta de perder. É difícil colocar a molecada numa competição, perder sai chorando, como existe umas competições que acaba premiando sempre esses mais novos pra não sair tão infelizes. [...].

Este professor acredita que as regras do Judô sejam bem adaptadas para a segurança da criança. E coloca a questão do contato com árbitros e pessoas que ele caracteriza como sendo de fora do ambiente da criança como um fator que estimule sua aprendizagem devido a sua significação, assim essas situações por serem mais significativas poderiam propiciar o aprendizado de questões que não foram totalmente absorvidas na aula.

Neste trabalho entendemos que além de propiciar segurança física as crianças os campeonatos também devem contribuir com uma segurança psicológica, devem maximizar experiência e propiciar aprendizagem, desenvolvimento global.

Na entrevista da Escola 01 temos uma importante colocação:



[...] Eu acredito que a duração da aula tem que ser de acordo com os objetivos dela, é claro que uma aula como hoje na escola, agente tem que pensar o Judô da escola e não o Judô na escola, então as aulas tem que ser mais curtas de trinta a quarenta e cinco minutos no máximo e quando for num clube, quando as crianças estão com o objetivo de praticar o Judô mesmo acredito que tem que ser de 45 minuto a uma hora. E pra classe pré-juvenil pode chegar à uma hora e meia. [...]

Vemos então a questão do significa do valor mais uma vez presente na fala dos entrevistados, ou seja, o conteúdo é o mesmo: Judô. Porém o valor que damos a ele é que será a grande diferença. Especificamente neste caso a entrevistada coloca sobre a importância de que as coisas sejam da escola, e não que se transporte conteúdos simplesmente colocando na escola.

Mas adiante a professora coloca as diferenças de aprendizado técnico como fator de decisão para a participação em campeonatos:

[...] Os alunos têm um tempo diferente de aprendizado, tem criança que aprende muito rápido, e também com relação às categorias, no mirim agente sabe que todo está mundo começando. Então é..., logo que a criança aprende a cair direitinho fazer os golpes se ela quiser agente coloca ela na competição, senão também não, isso não é uma coisa forçada. Mas nas categorias maiores infante e pré-juvenil ai precisa de um tempo maior, acredito que pelo menos estando na faixa azul, ou um faixa branca muito bem desenvolvido. [...]

Neste trecho fica a dúvida se apenas questões técnicas são suficiente para a participação em campeonatos. Cabe questionar se uma criança que tem um bom desempenho técnico durante os treinos



necessariamente está preparada para a situação competitiva e as possíveis implicações da mesma.

Sobre como trabalhar as aulas a professora coloca que tem certas restrições para que o Judô seja completamente lúdico devido a questões das lesões no caso específico das projeções. Nas entrevistas anteriores foi citado a possibilidade do trabalho de chão como saída possível.

Deve-se ressaltar que a criança nesta fase mesmo que mais desenvolvida deve participar de construções coletivas em que se discuta até que ponto ela não é responsável por cuidar do bem estar do adversário. Assim uma criança que atinge maior rendimento não pode simplesmente ser treinada para que tenha bom desempenho em campeonatos para tanto lesionando colegas de treino se necessário. Assim como sugerido pela professora na escola, sugerimos também um Judô da infância, ou do iniciante em que deve ter a preocupação de que as técnicas sejam aplicadas de maneira a pensar no bem estar do adversário que é sobretudo um companheiro de treino/aula.

Sobre a formação dos alunos a professora comenta:

[...] agente tem que ensinar principalmente a filosofia do Judô por que é isso que os pais esperam das crianças nesta fase, a maioria dos pais não esperam formar, não colocam o filho no Judô por que querem um filho campeão [...]

Devemos por um lado respeitar as tradições do Judô e passar as questões filosóficas específicas da arte marcial. Por outro lado devemos sempre repensar as nossas ações para que não usemos o tradicionalismo como desculpa para uma postura acrítica.



O trecho traz também a expectativa dos pais com relação aos filhos, que neste caso a professor coloca como sendo de formação, porem na entrevista do clube 02 o professor cita a preocupação no que ele chamou de mentalidade de pais e professores. Assim cabe entender que o trabalho do professor vai além do aluno chegando ao contato com pais e com o ambiente em que este aluno será exposto.

A professora contribui ainda lembrando da importância do planejamento: “[...] Mesmo no Judô da escola tem que ter um planejamento, e seguindo esses objetivos essas aulas devem ser preparadas [...]”.

Assim se somos professores e damos aulas temos que ter um projeto pedagógico a ser seguido.

Os objetivos ainda seguem um paradigma de preparação: “[...] para que ele não tenha dificuldades de aprendizagem numa etapa posterior [...]”.

A professora cita os objetivos da competição:

[...] Eu acho que as competições têm o objetivo de motivar as crianças no treinamento do Judô eu acho que quando uma criança ganha uma medalha ela fica super empolgada e a leva a estar querendo participar de novo dos treinamentos e para ter um objetivo também, eu acho que tudo que você faz sem objetivo vira uma coisa jogada, então eu acho que as competições servem para as crianças buscarem algo mais na vida dela. Terem um objetivo de vida.[...]

Neste caso parece que o Judô mais uma vez fica restrito a manifestação esportiva. Reiteramos que o Judô pode ser pratica com outros objetivos.



A professora coloca que a competição tem o seguinte objetivo: "O objetivo das competições para as crianças é a brincadeira é ir lá brincar conhecer outras crianças é testar o seu Judô e colocar um objetivo na vida delas."

Por tanto ela acredita que a competição não é o maior problema mais sim o valor que é dado, o como é realizada a competição. Com relação às regras ela coloca a preocupação com relação a algumas técnicas e ao fato da competição do adulto ser realizada junto com a das crianças, porém ela considera que modificações são difíceis nesta estrutura.

Os moldes dos adultos aplicados as crianças colocam mais esse problema, numa competição de crianças aparece a questão de diferenças de performance por que as crianças são divididas por categoria de peso e idade cronológicas, podendo haver enorme diferença de rendimento, não são raros episódios em que as disputas duram poucos segundo. Uma possível saída são as lutas com crianças de mesmo nível técnico.

Na segunda escola o professor comenta sobre o prazer de lutar, em algumas entrevistas anterior os professores citaram a presença do handori (treino livre, luta): "Normalmente tem muita brincadeira e algumas crianças gostam muito de lutar." A luta nesta fase pode aparecer como jogo, como brincadeira, sendo função do professor promover o entendimento do jogo, podendo ainda exercitar a empatia nas criança. A técnica pode estar presente, mas não é a única nem o mais importante conteúdo.

O professor cita a questão do respeito e da agressividade: "Deve-se ensinar a brincar de lutar e a respeitar o adversário

.....



controlando a sua agressividade, aprender a cuidar do companheiro de luta”.

Muitas vezes reprimimos o comportamento agressivo, mas não fazemos com que ela entenda determinada situação, não discutimos o ocorrido, agimos somente como agentes repressores. Ainda podemos confundir a ausência de violência com ausência de agressividade esquecendo que existem outras maneiras de agressão.

O professor coloca ainda a importância do contato físico com para as crianças.

Aprender a perder aparece no fala do professor como algo possível no processo competitivo.

Coloca também que para o iniciante em geral a competição pode ser um momento de tensão. Para ele a competição do iniciante não deve ser para se ver, esporte espetáculo, para se fazer, esporte participação.

Na terceira escola o professor não desenvolve um trabalho competitivo, afirma que sua aula é voltada para o desenvolvimento global, no então ainda aparece o trabalho como preparação para fases futuras.

Mais uma vez aparece como conteúdo os amortecimentos e quedas, no entanto eles aparecem de forma técnica, não menosprezando as questões técnica necessárias a praticante e a importância desse aprendizado, cabe lembrar que as técnicas são respostas, o ensino também se consiste de perguntas, decorar o gesto técnico referente às quedas não implica em saber cair, o que envolve também o problema. Possivelmente jogos e brincadeiras que trabalhem esse conteúdo podem contribuir como saída para trabalhar o



problema e a solução, lembrando que soluções prontas podem não ser significativas para as crianças.

Quando a competição o professor associa sua presença a especialização precoce. O professor questiona ainda se está é a modalidade que a criança vai praticar pelo resto da vida. Este é mais um motivo para que as atividade dessa fase sejam para essa fase, qual o sentido de se prepara para o Judô em fase futuras sem saber se a criança virá a ser um atleta na modalidade, é necessário sim, trabalhar bases sólidas para que o Judô seja entendido pela criança de forma clara e concisa mas sem esquecer que a criança também está vivendo aquele momento e não se preparando para viver.



3.3.2.2. Competição (Questionário)

Devido à sua importância essa categoria foi analisada separadamente.

Os professores se colocam de alguma forma contra o modelo atual de competições, seja devido à idade, a maneira com que ela é realizada ou até mesmo como os professores e pais encaram a competição nesta fase, as respostas divergem de ambiente para ambiente porém os entrevistados acreditam que os pais e técnicos valorizam em demasia a competição para as crianças.

Os professores que acreditam que a competição pode aparecer de alguma forma nesta fase colocam-na com instrumento para ensinar valores, citando, por exemplo, a competência psicológica ou a autodisciplina como valores que a competição pode ensinar.

3.3.2.3. Observações (Diário de Campo)

3.3.2.3.1. Ambientes

Pôde-se observar que as academias e clubes dispunham de um ambiente mais estruturado para prática. Enquanto nas escolas todos os ambientes eram “improvisados” sendo compostos normalmente por poucos tatames (dois a seis tatames totalizando aproximadamente 12



metros quadrados), sem objetos específicos do Judô (com Quadros, Fotos, Diagramas, etc). Os ambiente das academias e clubes eram fixos e dispunham de áreas maiores enquanto que os das escolas tinha que ser montados a cada aula. No entanto, foi notória nas escolas a presença de materiais não usuais no Judô tradicional, tais como bolas, arcos e até instrumentos de ensino construídos pelos professores para trabalhar certo conteúdo.

3.3.2.3.2 Aulas

Pensando na relação de número de alunos por professor não podemos notar diferenças entre os grupos (academias, clubes, escolas). As diferenças apresentaram-se de ambiente para ambiente, não podendo detectar qual grupo tinha mais ou menos alunos por professor.

Em linhas gerais podemos diferenciar fases das aulas compostas por brincadeiras e fases compostas pelo ensino da técnica. Em alguns momentos a técnica recebe um tratamento mais intensivo. Apesar da presença dos aspectos lúdicos nota-se que a brincadeira e o jogo é muito mais um instrumento do que um fim.

Quanto à rigidez e tradicionalismo apesar de estar presente em determinados ambientes em determinados momentos não se constituem de regra geral nem são característica marcante de nenhum dos grupos. Sendo sim opção de cada professor.

Mesmo nos ambiente de maior técnica ou rigidez pode-se, ainda que as crianças estando submetidas a treinamento físico extenuante e



treinamento técnico complexo, mesmo assim ainda nota-se expressão de alegria durante a prática. O contato físico entre os alunos e entre aluno e professor foram notórios em diversos momentos, por diversas razões: demonstrar técnicas, carinho, agressão, ajuda, entre outros.

Em linhas gerais não se notou a que a literatura chama de jogos pré-desportivos, normalmente usados com a finalidade de promover o entendimento técnico. Algumas das aulas apresentavam jogos que poderiam ser enquadrados como jogos de domínio do corpo e ou manipulação, porem nenhuma aula mostrou uma estrutura baseada na divisão de unidades funcionais do jogo. Isto indica que o tratamento do Judô ainda tem um tratamento analítico, baseado em gestos técnicos e que apesar da presença do jogo, este aparece em sua maioria como aspecto motivacional e não para a formação tática.



4. Proposta Pedagógica para o ensino do Judô

O ser humano e suas ações podem ser estudados através de diversos olhares. Paes e Balbino (2005) citam as seqüências pedagógicas como foco central da iniciação esportiva no Basquetebol num passado recente. A literatura referente ao Judô possui diversas publicações que tratam de aspectos ligados às técnicas, inclusive contendo seqüências pedagógicas. Ao prestar exame para ser qualificar enquanto faixa preta o judoca (no estado de São Paulo) é submetido a diversas provas, entre elas a de execução das técnicas.

A técnica tem recebido local de destaque no tratamento do Judô. Entendemos que elas são importantes conhecimentos do Judô, não só aquelas permitidas dentro da modalidade esportiva, mas também aquelas usadas na defesa pessoal. Porém no trabalho com iniciantes devem ser tomados alguns cuidados.

Devemos em primeiro lugar lembrar que a maneira que o iniciante *lê* o Judô é diferente daquela que os praticantes mais velhos *vêem*. Devemos lembrar ainda que ao ensinarmos podemos nos esquecer das próprias dificuldades que tivemos durante nosso processo de aprendizagem. Isto é acentuado pelo fato de existirem dificuldades diferentes nas diferentes pessoas nas diferentes épocas. Em síntese o entendimento do iniciante é diferente, do mais experiente e diferente do professor.

Acreditamos que um olhar sobre as questões estratégicas seja importante para a formação do judoca, em especial para os iniciantes.



Podendo assim propiciar um entendimento mais próximo da realidade do iniciante.

Como sugere Alves (2003) a inteligência não é nada sem a curiosidade. Ao descrever a Escola ele coloca a problemática a memorização de milhares de respostas tidas como certas. Sugerimos assim neste ensaio uma outra estratégia que através de situações problema, ou situações de luta, a curiosidade dos alunos seja incentivada para que eles então busquem e construam suas respostas motoras. Não queremos com isto pensar que a historicidade das técnicas e seu patrimônio construído durante os anos deixará de ser conteúdo das aulas, mas sim que a descoberta será valorizada nas fases iniciais do processo de ensino-aprendizagem.

Lembramos ainda que a complexidade das respostas decoradas muitas vezes não corresponde à complexidade que o aluno pode compreender, mas sim a que os educandos entendem.

Na pesquisa de campo pudemos constatar que apesar da presença de aspectos lúdicos nas aulas o jogo enquanto um conteúdo de entendimento tático não é trabalhado de maneira sistemática. Ou seja, a brincadeira é vista enquanto um meio, no entanto o jogar também pode ser um fim deste processo, judoca também são jogadores de Judô.

Destacamos que esta estrutura é fortemente influenciada pela manifestação esportiva, servindo assim de um ensaio provisório se pensarmos que o Judô deve ser trabalhado nas suas mais variadas possibilidades de significações.



4.1. Domínio do Corpo e Domínio do Corpo do Adversário

Inspirado na proposta de PAES (2001) para o basquete, propomos os seguintes aspectos a serem trabalhados no Judô: Domínio do Corpo e Domínio do Corpo do Adversário. Esse domínio se dá nas situações de Ataque, Defesa, Contra-Ataque.

Propomos que seja fundamental desenvolver num primeiro momento desenvolver atividades que visem o Domínio do Corpo e o Domínio do Corpo do Adversário, ainda que outras estratégias sejam possíveis.

4.1.1. Domínio do Corpo

Podemos construir com nossos alunos aulas que trabalhem o domínio do corpo de maneira a desenvolver suas habilidades básicas envolvendo o domínio do corpo. Estas brincadeiras podem ser gerais ou até mesmo já conterem características específicas da modalidade.

Como exemplo podemos trabalhar a brincadeira de mãe-da-rua, nela temos três áreas, duas nas extremidades que são os piques (calçadas) e uma a ser atravessada que seria a rua. No centro temos a mãe-da-rua que tenta pegar aqueles que tentam atravessar a rua.

Trabalhada na maneira convencional esta maneira permite diversas variações que devem ser propostas pelos professores e construídas com os alunos.



Outra possibilidade interessante é aplicá-la com a intenção de desenvolver alguma habilidade específica. Como exemplo, podemos fazer essa brincadeira em um pé só, a habilidade de se equilibrar num pé só é essencial para o desenvolvimento de técnicas de ashi-waza (técnicas de pé e perna).

4.1.2. Domínio do Corpo do Adversário

Assim como nas modalidades com bola temos a presença da habilidade de dominar a bola como fundamental para o jogo, temos nas lutas, sobre tudo nas lutas agarradas (Judô, Jiu-Jitsu, Sumo, Luta Livre, Luta Greco-Romana, Sambo, entre outras), a importante habilidade de dominar o adversário. A maior parte das situações dos treinos livres (handoris) permite esta interação, porém a intencionalidade do adversário dificulta ainda mais o seu domínio. Podemos assim desenvolver atividade que incentivem a colaboração do adversário para o domínio do seu corpo.

Nas primeiras aulas até para que o contato seja gradual podemos colocar a tradicional brincadeira de pega-pega, porém em duplas de mãos dadas.

Com o tempo podemos realizar estafetas ou até mesmo, dependendo do nível de habilidade, brincadeiras de pega-pega segurando ao invés das mãos um dos pés do companheiro.

Como o Judô se dá também no chão podemos desde a iniciação trabalhar brincadeiras que fomentem a habilidades no chão, neste caso específico a habilidade de dominar o corpo do adversário.



Uma atividade possível são os rolamentos laterais feitos em duplas com as mãos dadas com um companheiro. Esta atividade introduz a coordenação necessária que devem ter seus próprios movimentos na luta de chão com os movimentos do adversário.

Vários outros movimentos da ginástica acrobática e exercícios circenses podem ser utilizados como o mesmo objetivo.

4.2. Ataque, Defesa e Contra-Ataque

Um segundo nível de complexidade, possivelmente após uma determinada compreensão do domínio do corpo e do corpo do adversário são as situações de ataque, defesa e contra-ataque. Observe que neste momento não estamos nos referindo às técnicas específicas, mas sim às situações, ainda que possam ser colocadas técnicas para os iniciantes acreditamos que estas não devam estar envolvidas com cobranças de perfeição, altos níveis de detalhamento, rendimento e eficiência.

Ao exigirmos constantemente das crianças um detalhamento podemos incorrer no erro de apenas pensar no reforçamento negativo e esquecermos da importância de trabalharmos com o reforçamento positivo, devemos assim propiciar atividades que propiciem o êxito e não que somente evidenciem os defeitos. Torna-se assim incoerente moldar constantemente o movimento de iniciantes que sequer têm consciência de para que estão sendo moldados.

A luta esportiva tem por base privilegiar aqueles que praticam movimentos de ataque, no entanto também é patrimônio histórico a



habilidade de defesa dentro da luta. Outra habilidade importante é o contra-ataque, situação em que usamos um ataque num momento em que estamos sendo atacados.

As situações de contra-ataque nas lutas de um contra um não exigem um momento de transição, como é característico nos jogos coletivos como futebol e basquete, por exemplo. Este detalhe pode não parecer relevante num primeiro momento, no entanto ao confrontarmos níveis de habilidade diferente se torna difícil para o menos habilidoso lutar contra um adversário mais habilidoso uma vez que ao mesmo tempo em que ele está atacando ele pode ser atacado sem que necessariamente haja um período de transição.

Assim podemos incentivar que sejam executados os ataque e as defesas em jogos que o contra ataque não seja usado.

4.2.1. Ataque e Defesa

Em duplas ou com grupos maiores podemos dividir entre aqueles que vão atacar e aqueles que vão defender, a brincadeira consiste em tentar por uma das mãos em um dos pés dos que estão de defendendo. Está brincadeira permite diversas variações nas regras, por exemplo, o nível de contato que será permitido entre os jogadores, estas regras podem variar durante as aulas, ou ainda ser construídas pelos alunos como exercício de construção coletiva dentro do projeto político pedagógico do professor.



4.2.2. Contra-Ataque

Após trabalharmos a situação de atacar e de defender os pés, podemos aumentar o nível de complexidade juntando as duas ações de ataque e defesa, permitindo assim o contra-ataque. Variações como executar a brincadeira em duplas, trios ou grupos maiores podem ser experimentadas nas aulas. Outra variação possível é colocar mais alvos no corpo do adversário, como o nó da faixa, por exemplo, ou o ombro. Estas variações proporcionam diversos níveis de complexidade, permitindo que os alunos aprimorem seu entendimento do jogo, a proposta pedagógica assim elaborada permite mais do que o jogo como meio, mas o jogar como um fim.

Acreditamos ainda, que mesmo os níveis que estejam acima da compreensão consciente dos participantes, podemos através deles trabalhar respostas inconscientes: intuitivas.

4.3. As Maneiras de Vencer

Como mencionado anteriormente aqui estaremos nos referindo as maneiras de vencer na luta esportiva, ainda que haja outras maneiras fora do âmbito esportivo. Ainda que técnicas de luxação e estrangulamento não sejam permitidas nas categorias mais jovens (mirim, infantil, infanto-juvenil e pré-juvenil) o critério para a composição das aulas não pode se basear somente nas regras por idade cronológicas. O professor deve estabelecer critérios de maturidade



para que os alunos aprendam determinadas técnicas, e os alunos devem ser responsáveis ao realiza-las. Assim determinado aluno pode já ter idade para praticar certas técnicas segundo a regra, no entanto não possuir maturidade para as mesmas, e o contrário pode ser verdadeiro, um aluno pode não ter a idade cronológica, mas já ser habilidoso e responsável para aplicar técnicas que a regra na permita. Assim sendo propomos a seguinte divisão para que os iniciantes sejam o Judô de uma maneira mais global: Projeções e Situações de Domínio.

4.3.1. Projeções e Situações de Domínio

4.3.1.1 Projeções

Nas lutas de um contra um, ou em determinada brincadeira que permita a possibilidade da situação do derrubar podemos propor uma luta onde o objetivo sejam as projeções. Podemos ainda permitir que só um ataque ou que ambos ataquem, assim temos uma visão das partes, ataque e defesa separadamente, e uma visão do todo, os ataques, as defesas e os contra-ataques simultaneamente.

Apesar da proposta se basear na luta esportiva, podemos citar como exemplo a possibilidade de se discutir com os alunos quais os objetivos de derrubar numa situação de defesa pessoal.



4.3.1.2. Situações de Domínio

Existem situações em que podemos através de técnicas e habilidades específicas podemos dominar nosso adversário, possivelmente essas situações permitiriam vantagens nas situações de combate, seja permitindo uma finalização através de luxações, estrangulamentos ou atemis-waza.

4.3.2. Situações de Projeções

Assim como nas situações de domínio podemos também dividir as situações de projeção em grupos de técnicas, que exijam o mesmo pensamento tático.

Existe uma divisão das técnicas do Nague-Waza: Te-Waza, Goshi-Waza, Ashi-Waza, Sutemi-Waza. Essa divisão se dá por características técnicas dos golpes.

Neste estudo partimos do pré-suposto de que o entendimento do iniciante é diferente do entendimento daqueles que conhecem profundamente a modalidade. Assim entender as técnicas separadamente provoca um distanciamento muito grande do todo, impedindo que o iniciante adquira uma visão do fenômeno complexo. Sendo a proposta baseada no entendimento tático do iniciante, propomos uma divisão diferente da divisão técnica, mas uma visão que seja do iniciante.



Para alguém que não tenha pleno entendimento técnico do Judô se torna muito difícil entender as características semelhantes de determinadas técnicas. Como exemplo temos o seio-nague e o morotegari, ambos golpes de Te-Waza, mas que para um leigo ou iniciante são técnicas bem diferentes, ou do uchi-mata e harai-goshi, golpes que para um iniciante certamente seriam da mesma categoria, no entanto pertencem a categorias diferentes de técnicas (Ashi-Waza e Goshi-Waza. Isto ocorre por que o conhecimento técnico, o olhar do iniciante não permite ainda que existem detalhes técnicos que fazem com que o uchi-mata não seja um harai-goshi no meio das pernas do adversário.

Em síntese as técnicas têm características biomecânicas complexas demais para que sejam trabalhadas no primeiro momento de contato com a modalidade. Este fato é agravado pelo fato do caráter dinâmico que adquire a técnica quando o implemento não é o um ser inanimado, como uma bola, mas sim o próprio adversário que tem uma intencionalidade racional. Existe dentro do âmbito específico da modalidade uma frase que mostra essa dificuldade: “não é fácil tirar uma pessoa de 100 quilos do chão, principalmente porque normalmente esse pessoal não quer sair do chão”.

Proponho uma divisão que propicie certos princípios semelhante de ataque e defesa:



4.3.2.1. Golpes de mão contra perna

Aqui proponho lutas que permitam apenas a disputa de mão contra as pernas, normalmente golpes de Te-Waza, fica aqui um exemplo de como a divisão técnica pode ser complexa para um iniciante, imaginemos a dificuldade de entender as semelhanças entre um seio-nague e um morote-gari, ambos golpes de braço (Te-Waza), no entanto um que viro de costas para o adversário e outro que agarro suas pernas.

Assim a aluno aprenderá nesta situação as questões relativas a atacar e defender golpes desse tipo, os quais tem diversas características semelhantes nos movimentos de ataque e de defesa.

4.3.2.2. Golpes de perna contra perna

Aqui coloco lutas que permitam apenas atacar com as pernas, entretanto normalmente não permito que seja usados golpe como uchi-mata, que apesar de ser um golpe de perna (ashi-waza), é um golpe que exige que eu vire de costas, assim as situações de luta que o aluno tem que compreender são diferentes, exigir assim a compreensão técnica de um aluno iniciante para diferenciar um uchi-mata de um harai-goshi torna-se extremamente detalhado, perdendo o foco desta proposta que é adquirir uma visão geral do Judô como um jogo.



4.3.2.3. Golpes eu me viro de costas

Proponho aqui que seja trabalhados golpes que eu tenho que me virar de costas para o adversário para derruba-lo, sugerimos que sejam trabalhados golpes simples que permitam entender os conceitos básicos de movimentos dos golpes desse tipo, principalmente golpes de quadril como o-goshi e goshi-guruma.

IV.3.2.4. Golpes que eu me projeto ao chão

Assim estes níveis de complexidade podem ir progredindo até que o aluno esteja pronto para a divisão técnica proposta pela Federação Internacional.

Da mesma maneira o nível de complexidade e detalhamento dos golpes pode evoluir progressivamente conforme o amadurecimento de cada aluno.

Para alunos mais novos podem ser utilizadas as técnicas de raspagem, mas comuns no Jiu-Jitsu.



4.3.3. Situações de Domínio

4.3.3.1. Imobilizações

Aqui podemos partindo da luta de chão propor que se tente imobilizar o adversário. As possibilidades e situações na luta de chão são diversas, mesmo trabalhando somente com o objetivo de imobilizar, a pesquisa cita ainda a grande vantagem da luta de chão como alternativa menos penosa do que as quedas.

Dentre as diversas variações possíveis podemos citar as posições de início da luta de chão que podem ser propostas: situação de guarda, meia-guarda, guarda passada, nas costas, um de costas para ou outro. Ou até mesmo começando a luta em pé.

As imobilizações darão bases para entender as situações de finalização dentro das situações de domínio.

4.3.3.2. Técnicas de Luxação

No momento em que o aluno tiver maturidade suficiente para executar técnicas de luxação podem se inserir jogos com esse objetivo. Assim podemos propor lutas em pé ou no chão em que o objetivo seja procurar técnica de luxação. Diversas variações são possíveis, como, por exemplo, permitindo o ataque apenas a um dos lutadores o outro tente apenas se defender tentando sair de uma



determinada situação desvantajosa. Situação muito comum em campeonatos é aquela em que o adversário fica deitado em decúbito dorsal, posição que dificilmente permite que este realize ataques, tendo que sair da mesma para poder então atacar. Fora do âmbito esportivo temos a importante situação de se tentar uma finalização com técnica de luxação tendo a guarda passada, este trabalho permite ao aluno entender a importância de *repor a guarda* ou *capotar* o adversário para sair de uma situação desvantajosa.

4.3.3.3. Técnicas de Estrangulamento

Podem ser trabalhadas da mesma forma que as de luxação.



5. Considerações Finais

O estudo da Pedagogia do Esporte na iniciação serve de importante instrumento norteador de uma proposta pedagogia coerente com o desenvolvimento global do indivíduo, neste caso específico a iniciação esportiva na modalidade de Judô.

A realidade observada na pesquisa de campo nos trás um resumo sobre o perfil do profissional que atua em academias, clubes, escolas. Além das auto-percepções sobre suas aulas e suas opiniões sobre a questão competitiva.

Apesar dos aspectos lúdicos aparecerem freqüentemente nas aulas, o fenômeno jogo é muito mais instrumentalizado do que tratado de maneira sistemática e planejada. Ou seja, o jogo aparece como meio para ensinar a técnica e não como conteúdo possível. Ressalto a importância da sistematização do fenômeno Jogo para o entendimento estratégico da modalidade bem como utiliza-lo durante o processo de ensino-aprendizagem visando suas contribuições para o desenvolvimento integral dos indivíduos.

Em síntese os professores sugerem modificações e discordam do modelo atual de competições para essa faixa etária, acreditando que o problema tem inúmeras dimensões: as fases de desenvolvimento, as regras, os significados dados pelos pais, atletas e técnicos, as questões administrativas, entre outros.



Universidade Estadual de Campinas

Faculdade de Educação Física



Diante das constatações do estudo sinalizamos para necessidade de maiores investigações no âmbito da Pedagogia do Esporte dedicadas a sua melhor compreensão, assim como a formulação de alternativas na organização de eventos de natureza competitiva, em especial aqueles que tem a presença de crianças.



Bibliografia Fundamental

ALVES, R. **Conversas sobre educação**. Campinas: Versus Editora, 2003.

ARAÚJO, U. F. **Temas transversais e a estratégias de projetos**. São Paulo: Moderna, 2003.

BALBINO, H. F.; PAES, R. R. **Processo de ensino-aprendizagem do basquetebol: perspectivas pedagógicas**. In: DE ROSE JUNIOR, D.; TRICOLI, V. Basquetebol uma visão integrada. Barueri: Manole, 2005.

BARDIN, L. **Análise de conteúdo**. Lisboa: [s.n.], 2002.

BARROS, A. J. P.; LEHFELD, N. A. S. **Projeto de pesquisa: propostas metodológicas**. Petrópolis, RJ: Vozes, 1990.

CASTELLANI FILHO, L. **Educação física no Brasil: a história que não se conta**. Campinas: Papirus, 1988.

CAZETTO, F. F. **Análise do Judô enquanto um conteúdo da educação física..** In: CONGRESSO DE INICIAÇÃO CIENTÍFICA DA UNICAMP, XII, 2004, Campinas, 1 CD-ROM.

CORDEIRO JUNIOR, O. **Proposta teórico-metodológica do ensino do judô escolar a partir dos princípios da pedagogia crítico-superadora: uma construção possível**. 183f. Monografia (Originalmente apresentada como exigência parcial para a conclusão de curso de Licenciatura Plena em Educação Física). Faculdade de Educação Física, Universidade Estadual de Goiás, Goiânia, 1999.

DAOLIO, J. **Cultura da/na Educação Física**. 112f. Tese (Livre Docência em Educação Física) – Faculdade de Educação Física, Universidade Estadual de Campinas, Campinas, 2002.

DRIGO, J. **Regulamentação**. Disponível em: <<http://www.judobrasil.com.br/lei.htm>>. Acesso em: 8 jan. 2004.

FEDERAÇÃO PAULISTA DE JUDÔ. **História do Judô: noções da história**. São Paulo. Disponível em: <<http://www.fpj.com.br/historia/historia.php>>



Universidade Estadual de Campinas

Faculdade de Educação Física



id=historia_judo01.htm>. Acesso em: 8 jan. 2004a.

FEDERAÇÃO PAULISTA DE JUDÔ. **História do Judô**: princípios filosóficos. São Paulo. Disponível em:
<http://www.fpj.com.br/historia/historia.php?id=historia_judo02.htm>. Acesso em: 8 jan. 2004b.

FEDERAÇÃO PAULISTA DE JUDÔ. **História do Judô**: Evolução Cronológica do Judô São Paulo. Disponível em:
<http://www.fpj.com.br/historia/historia.php?id=historia_judo04.htm>. Acesso em: 8 jan. 2004c.

FEDERAÇÃO PAULISTA DE JUDÔ. **História do Judô**: dados bibliográficos do prof. Jigoro Kano. São Paulo. Disponível em:
<http://www.fpj.com.br/historia/historia.php?id=historia_judo03.htm>. Acesso em: 8 jan. 2004d.

FEDERAÇÃO PAULISTA DE JUDÔ. **Manual de arbitragem de Judô**. São Paulo: 2003.

FREIRE, PAULO. **Pedagogia da Autonomia**: saberes necessários à Prática Educativa.. Campinas: Paz e Terra, 1996.

FREIRE, J. **Educação de corpo inteiro**: teoria e prática da Educação Física. São Paulo: Scipione, 1989.

FORJAZ, C. L. M. Os aspectos fisiológicos do crescimento e do desenvolvimento: influência do exercício físico. In: In: ROSE JUNIOR, D. **Esporte e atividade física na infância e na adolescência**: Uma abordagem multidisciplinar. Porto Alegre: Artmed, 2002, p.99-108.

FURTADO, JORGE. **Ilha das Flores**. Documentário, experimental, ensaio. 1989. 13min. Disponível em:
http://portacurtas.com.br/pop_160.asp?COD=647&Exib=1044 acesso em 06/09/2004.



KODANSHA INTERNATIONAL. **História do Judô**: Kodansha Judô vs. Jigoro Kano. Tradução Matheus Sugizaki. São Paulo: s.l., 1994. Disponível em <http://www.fpj.com.br/historia/historia.php?id=historia_judo05.htm>. Acesso em: 8 jan. 2004.

LAPA, C. A. S. **Competição Infantil**, jan., 2002. Disponível em: <<http://www.judobrasil.com.br/2002/lapa1.htm>>. Acesso em: 12 mar. 2004.

LAKATOS, E. M.; MARCONI, M. A. **Fundamentos de Metodologia Científica**. 3. ed. São Paulo: Atlas, 1995.

LOLLO, P.C.B.; CAZETTO, F. F.; MONTAGNER, P.C. Aspectos Nutricionais da Competição de Judô em Crianças e Adolescentes. In: **Revista Digital EFDeportes**. Buenos Aires, v. 10, n. 74, jul. 2004. Disponível em <<http://www.efdeportes.com/efd74/judo.htm>> Acesso em: 23 nov. 2004.

MALINA, R.M.; BOUCHARD, C. **Atividade Física do atleta jovem**: do crescimento à maturação. São Paulo: Roca, 2002.

MATSUDO, V. Lesões e alterações osteomusculares na criança e no adolescente atleta. Lesões e alterações osteomusculares na criança e no adolescente atleta. In: ROSE JUNIOR, D. **Esporte e atividade física na infância e na adolescência**: Uma abordagem multidisciplinar. Porto Alegre: Artmed, 2002, p.123-136.

NATALINO, A.. Proposta metodológica para a formação do jovem guarda-redes de futebol. In: **Revista Digital EFDeportes**, Buenos Aires, v. 10, n. 69, feb. 2004. Disponível em <<http://www.efdeportes.com/efd69/futebol.htm>> Acesso em: 12 mar. 2004.

NASCIMENTO, K. A.; FEIRA, J. G. M.; FRERIS, M. V.; PAULA, A. H. de. **Do lúdico à especialização**: análise da importância de um programa de estimulação motora como meio de desenvolvimento da valência física utilizada no voleibol. **Revista Digital EFDeportes**, Buenos Aires, v. 8, n. 56, enero 2003. Disponível em <<http://www.efdeportes.com/efd56/ludico.htm>> Acesso em: 16 mar. 2004.

OLIVEIRA, V. M. **O que é Educação Física**. São Paulo: Brasiliense, 1983.

NOETHER, G.. **Introdução a Estatística**: uma abordagem não paramétrica. 2. ed.. Rio de Janeiro: Guanabara Koogan, 1983.



Universidade Estadual de Campinas

Faculdade de Educação Física



PAES, R. R.. **Aprendizagem e competição precoce:** o caso do basquetebol. Campinas: Ed. da Unicamp, 1992.

PAES, R. R.. **Educação Física Escolar:** o esporte como conteúdo pedagógico do ensino fundamental. Canoas: Ulbra, 2001.

RICHARDSON, R. J.. **Pesquisa Social:** Métodos e Técnicas. 2. ed. São Paulo: Atlas, 1989.

ROSE JUNIOR, D. **Esporte e atividade física na infância e na adolescência:** Uma abordagem multidisciplinar. Porto Alegre: Artmed, 2002.

SILVA, C. C. ; TEIXEIRA, A. S.; GOLDBERG, T. B. L.r. O esporte e suas implicações na saúde óssea de atletas adolescentes. In: **Rev Bras Med Esporte**. v. 9, n. 6, p.426-432, nov./dez. 2003. Disponível em:
<http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S1517-86922003000600007&lng=pt&nrm=iso> Acesso em: 05 mai 2004.

SOARES, C. L.; Et al. **Metodologia do ensino de Educação Física**. São Paulo: Cortez, 1992.

SOARES, CARMEM LÚCIA. **Educação Física:** Conhecimento e Especificidade. In: Revista Paulista de Educação Física. São Paulo, supl.2, p. 6-12, 1996.

TZU, S. **A Arte da Guerra**. Rio de Janeiro: Record, 1983.

7 – Anexos

7.1 – Roteiro de Entrevista

Esta pesquisa tem fomento do CNPq e é realizada pela Faculdade de Educação Física da Universidade Estadual de Campinas. Contando exclusivamente com a participação totalmente voluntária, não remunerada e anônima dos sujeitos que decidirem participar da



pesquisa respondendo o questionário estruturado áudio-grafado e permitindo o procedimento de observação assistemática, individual e não participante. Consideramos que esta pesquisa não oferece qualquer tipo de risco ou prejuízo para os voluntários. Esclarecemos sobre a liberdade de recusar a responder qualquer pergunta ou retirar o consentimento de colaboração a pesquisa, em qualquer momento, sem qualquer tipo de prejuízo ou penalização. A natureza da pesquisa e o tratamento dos dados coletados são puramente científicos. As perguntas abertas dizem respeito a sua opinião e devem conter tudo aquilo que considerar relevante.

Data.

Dados Pessoais:

Data de nascimento e idade?

Sexo?

Nacionalidade?

Naturalidade?

Formação:

Com que idade se deu sua iniciação esportiva na modalidade de Judô?

Quantos anos você praticou judô antes de se tornar professor?

Com que idade começou a exercer a função de professor?

Qual era sua faixa quando você começou a exercer a função de professor?

Qual sua formação acadêmica?

Com relação a sua formação profissional, você tem realizado algum tipo de curso?

.....



Qual sua graduação no Judô?

Qual é sua classificação enquanto arbitro na FPJ ou entidade superior (CBJ, FIJ)?

Aulas para Crianças Iniciantes, considerando as categorias: mirim, infantil, infanto-juvenil, pré-juvenil:

Qual a duração de cada aula que você leciona?

Quanto tempo de aula tem seus alunos nessa faixa etária antes do primeiro campeonato?

Qual é a frequência semanal de aula de seus alunos iniciantes crianças?

Como é cada aula para a criança iniciante?

O que deve ser ensinado para a criança nessa fase na modalidade de Judô?

Como esse conteúdo deve ser ensinado?

Por que esse conteúdo deve ser ensinado?

Para que esse conteúdo deve ser ensinado?

Competição

Qual o objetivo das competições em geral?

Competições para Criança Iniciante:

Qual a idade ideal para os iniciantes crianças começarem a competir?

Qual o objetivo das competições para os iniciantes crianças?

Como você acha que deve ser a competição para as crianças iniciantes com relação das regras?

Por que deve ser dessa maneira?

.....



7.2 – Transcrição das Entrevistas

Entrevista Academia 01

Esta pesquisa tem fomento do CNPq e é realizada pela Faculdade de Educação Física da Universidade Estadual de Campinas. Contando exclusivamente com a participação totalmente voluntária, não remunerada e anônima dos sujeitos que decidirem participar da pesquisa respondendo o questionário estruturado áudio-grafado e permitindo o procedimento de observação assistemática, individual e não participante. Consideramos que esta pesquisa não oferece qualquer tipo de risco ou prejuízo para os voluntários. Esclarecemos sobre a liberdade de recusar a responder qualquer pergunta ou retirar o consentimento de colaboração a pesquisa, em qualquer momento, sem qualquer tipo de prejuízo ou penalização. A natureza da pesquisa e o tratamento dos dados coletados são puramente científicos. As perguntas abertas dizem respeito a sua opinião e devem conter tudo aquilo que considerar relevante.

Hoje é dia 28 de abril de 2004

Dados Pessoais:

Pesquisador: Data de nascimento e idade?

Entrevistado: 23 de junho de 1961, estou com 42 anos de idade.

Pesquisador: Sexo?

Entrevistado: Masculino.

.....



Universidade Estadual de Campinas

Faculdade de Educação Física



Pesquisador: Nacionalidade?

Entrevistado: Brasileiro.

Pesquisador: Naturalidade?

Entrevistado: São Paulo.

Formação:

Pesquisador: Com que idade se deu sua iniciação esportiva na modalidade de Judô?

Entrevistado: Comecei a treinar Judô com sete anos de idade na Cidade de Barretos.

Pesquisador: Quantos anos você praticou judô antes de se tornar professor?

Entrevistado: Comecei com sete anos e vou começar a dar minhas primeiras aulas mais ou menos com 15 anos, então é mais ou menos oito anos de..., treinando antes de começar a dar aula.

Pesquisador: Com que idade começou a exercer a função de professor?

Entrevistado: Então com quinze, dezesseis anos.

Pesquisador: Qual era sua faixa quando você começou a exercer a função de professor?

Entrevistado: Ai eu era faixa roxa.

Pesquisador: Qual sua formação acadêmica?

Entrevistado: Sou formado em Educação Física, sou formado em Pedagogia e tenho pós-graduação *latus sensu* em administração escolar.

Pesquisador: Com relação a sua formação profissional, você tem realizado algum tipo de curso?



Universidade Estadual de Campinas

Faculdade de Educação Física



Entrevistado: Eu fui aluno vários anos, aluno especial da Unicamp, fiz uma quantidade grande de disciplina na graduação e na pós-graduação. E tenho feito alguns cursos, mas faz tempo que eu não faço curso específico, faz tempo que eu não faço, mas fiz muitos cursos durante esses anos todos porque eu sou formado em Educação Física desde 82, nestes anos todos em fiz pedagogia depois e fiz uma série de cursos tanto na área de Educação Física quanto da área de Pedagogia como também fiz todos os cursos agora em 2001, 2002 da Federação Paulista de Judô. Aqueles cursos de pedagogia. Defesa pessoal, não sei o que, não sei o que...

Pesquisador: Qual sua graduação no Judô?

Entrevistado: Segundo dan.

Pesquisador: Qual é sua classificação enquanto arbitro na FPJ ou entidade superior (CBJ, FIJ)?

Entrevistado: Pessoalmente eu não gosto de arbitrar, não é uma coisa que eu faça com gosto, eu faço por que eu sou obrigado quando eu tenho que passar de faixa. Então certamente a minha classificação é a menor possível. Eu só atuo como arbitro quando eu tenho que fazer pontuação para fazer exame de faixa. Não é uma coisa que eu goste.

Aulas para Crianças Iniciantes, considerando as categorias: mirim, infantil, infanto-juvenil, pré-juvenil:

Pesquisador: Qual a duração de cada aula que você leciona?

Entrevistado: Para as crianças de três e quatro anos cinco e seis são meia hora. Sete a dez são 45 minutos. De 11 a 14 e para cima já uma hora e 15 minutos.

.....



Pesquisador: Quanto tempo de aula têm seus alunos nessa faixa etária antes do primeiro campeonato?

Entrevistado: Eu não levo as crianças para competição. A minha garotada ela só vai começar a competir dos 12, 13, 14 anos se gostar e se quiserem. Ta certo, o que eu trabalho é um trabalho mais virado para a Educação Física, formação corporal, a coordenação motora, formação do vocabulário motor. Não trabalho com competição para as crianças.

Pesquisador: Qual é a frequência semanal de aula de seus alunos iniciantes crianças?

Entrevistado: Duas vezes por semana.

Pesquisador: Como é cada aula para a criança iniciante?

Entrevistado: Nós trabalhamos sempre fazemos aquecimento, o aquecimento normalmente além de alguma ginástica agente faz alguns jogos, algumas brincadeiras, ta certo. Depois trabalhamos com quedas, depois trabalhamos com técnicas de projeção. Ok? Mas isso não necessariamente em todas as aulas têm que ter esse conteúdo. E temos também luta de chão também que eu acho que é mais simples por que não exige do cara ficar caindo, há menos risco de se machucar quando é iniciante.

Pesquisador: O que deve ser ensinado para a criança nessa fase na modalidade de Judô?

Entrevistado: Eu acho que você deve estar mais preocupado mais em estar desenvolvendo as habilidades motoras básicas do que especificamente o Judô. O que, que eu vou trabalhar muito, eu vou trabalhar muito quedas, vou trabalhar algumas projeções. Ta certo, por que eu tenho muita preocupação por que eles caem muito, até

.....



alguns jogos que agente faz a brincadeira do cachorrinho. Já é para eles começarem a cair e se habituar a cair e não se machucar tanto. Mas técnicas de Judô específica eu trabalho com o-soto-gari, o-uchi-gari, o-goshi, koshi-guruma e de-ahi-barai. As imobilizações seria o tate-shiro-gatame e o kesa-gatame e talvez um pouquinho do yoko. Ta certo? Mas eu trabalho muito com base de chão ajoelhado tentando desequilibrar, trabalho briga de galo, esses jogos que eles comecem a aprender a lidar com o corpo e com o corpo do companheiro.

Pesquisador: Como esse conteúdo deve ser ensinado?

Entrevistado: Não sei como você ta querendo dizer ai, mas seria bem gradativo eu não vejo você formando alguém em Judô em um, dois três anos, é uma formação que demora uma existência inteira. Então tudo é muito gradativo.

Pesquisador: Por que esse conteúdo deve ser ensinado?

Entrevistado: Pro que eu acredito que o Judô ele vai trazer junto com toda uma formação que ele têm vai auxiliar ele a ter uma qualidade de vida melhor, acredito que o Judô vai ser um conteúdo importante inclusive na questão de que ele vai dar uma competência emocional para eles depois lidarem com uma série de adversidades da vida.

Pesquisador: Para que esse conteúdo deve ser ensinado?

Entrevistado: Para isso que eu acabei de falar.

Competição

Pesquisador: Qual o objetivo das competições em geral?

Entrevistado: O objetivo das competições em gerais eu acho que..., competições eu trabalharia com adulto. Eu acho que você vai estar trabalhando as competências, física, competência tática, competência

.....



técnica e competência emocional. Que são as competências básicas que vai ta sendo trabalhado com eles. Ele tem que ter conhecimento técnico, ele tem que saber usar esse conhecimento técnico com o companheiro que está o tempo todo mudando o tempo inteiro. Né, e para que tudo isso aconteça tem que ter uma competência física e tem que, que ter uma competência emocional. Tem que ter tranquilidade para poder fazer as coisas.

Competições para Criança Iniciante:

Pesquisador: Qual a idade ideal para os iniciantes crianças começarem a competir?

Entrevistado: Para mim a idade inicial é a partir dos doze treze anos.

Pesquisador: Qual o objetivo das competições para os iniciantes crianças?

Entrevistado: Eu não trabalho com competição para criança.

Pesquisador: Como você acha que deve ser a competição para as crianças iniciantes com relação das regras?

Entrevistado: Eu não trabalho com competição para crianças.

Pesquisador: Por que deve ser dessa maneira?

Entrevistado: Eu acho que a criança ainda não está, ela não tem ainda uma estrutura física, emocional e psicológica para estar enfrentando uma situação tão adversa quanto uma competição de Judô.



Universidade Estadual de Campinas

Faculdade de Educação Física



Entrevista Academia 02

Esta pesquisa tem fomento do CNPq e é realizada pela Faculdade de Educação Física da Universidade Estadual de Campinas. Contando exclusivamente com a participação totalmente voluntária, não remunerada e anônima dos sujeitos que decidirem participar da pesquisa respondendo o questionário estruturado áudio-grafado e permitindo o procedimento de observação assistemática, individual e não participante. Consideramos que esta pesquisa não oferece qualquer tipo de risco ou prejuízo para os voluntários. Esclarecemos sobre a liberdade de recusar a responder qualquer pergunta ou retirar o consentimento de colaboração a pesquisa, em qualquer momento, sem qualquer tipo de prejuízo ou penalização. A natureza da pesquisa e o tratamento dos dados coletados são puramente científicos. As perguntas abertas dizem respeito a sua opinião e devem conter tudo aquilo que considerar relevante.

Hoje é dia 25 de abril de 2004

Dados Pessoais:

Pesquisador: Data de nascimento e idade?

Entrevistado: 28/11/1980 - 23 anos.

Pesquisador: Sexo?

Entrevistado: Masculino.

Pesquisador: Nacionalidade?

Entrevistado: Brasileiro.

.....

Fabiano Filier Cazetto R.A. 001655 29/07/11 Página 102 de 147



Universidade Estadual de Campinas

Faculdade de Educação Física



Pesquisador: Naturalidade?

Entrevistado: Campinas.

Formação:

Pesquisador: Com que idade se deu sua iniciação esportiva na modalidade de Judô?

Entrevistado: Três anos de idade.

Pesquisador: Quantos anos você praticou judô antes de se tornar professor?

Entrevistado: Comecei a ajudar meu pai, que foi meu professor com 16 anos de idade, mas como se sabe, nas lutas é muito comum o mais velho ou o mais graduado ajudar o professor, mas realmente eu tinha o compromisso real de auxiliar aos 16 anos.

Pesquisador: Com que idade começou a exercer a função de professor?

Entrevistado: Tive a minha primeira turma de Judô aos 18 anos.

Pesquisador: Qual era sua faixa quando você começou a exercer a função de professor?

Entrevistado: Marrom.

Pesquisador: Qual sua formação acadêmica?

Entrevistado: Professor de Educação Física PUCC 2002.

Pesquisador: Com relação a sua formação profissional, você tem realizado algum tipo de curso?

Entrevistado: Curso acadêmico ainda não. Mais em âmbito Profissional que diz respeito às lutas sim... Sou graduado, atleta, e professor em outras lutas, e sempre me mantenho atualizado no que diz respeito às lutas, como a ciência envolvida pelo esporte também.

Pesquisador: Qual sua graduação no Judô?

.....



Universidade Estadual de Campinas

Faculdade de Educação Física



Entrevistado: No Judô sou primeiro grau.

Pesquisador: Qual é sua classificação enquanto arbitro na FPJ ou entidade superior (CBJ, FIJ)?

Entrevistado: Estadual.

Aulas para Crianças Iniciantes, considerando as categorias: mirim, infantil, infanto-juvenil, pré-juvenil:

Pesquisador: Qual a duração de cada aula que você leciona?

Entrevistado: Depende do numero de alunos... Aulas com um, dois, três alunos, cerca de 40 a 45 minutos, depende muito do rendimento e aprendizado do aluno. Se mais alunos uma hora, não passando disso.

Pesquisador: Quanto tempo de aula tem seus alunos nessa faixa etária antes do primeiro campeonato?

Entrevistado: Depende do desenvolvimento e aprendizagem do aluno, bem como a idade; quando muito novo cinco e seis anos, não levo a campeonatos, e claro a quantia de vezes na semana que o aluno tem aula. Geralmente duas vezes por semana uma hora... cerca de dois anos. Eu ensino Judô com objetivos de disciplina, educação e aprendizagem motora acompanhando seu desenvolvimento biológico e de maturação.... e não competição. Se o aluno tiver jeito eu ponho em competição para olhar... mas não é o objetivo do lugar que dou aula.

Pesquisador: Qual é a frequência semanal de aula de seus alunos iniciantes crianças?

Entrevistado: Duas vezes por semana.

Pesquisador: Como é cada aula para a criança iniciante?

.....



Entrevistado: Aquecimento: Com exercícios de coordenação, e consciência corporal, alongamento, que envolve o que disse também. Quedas. Uchi-komi de varias formas, inclui ne-waza, principalmente para crianças mais novas. E ou aprendizado de algo novo. Mesclando sempre com brincadeiras e exercícios educativos específicos para o Judô. Handori, principalmente Ne-Waza quando é muito novo, um com o outro. Quando comigo, tachi-waza, e ne-waza. Pesquisador: O que deve ser ensinado para a criança nessa fase na modalidade de Judô?

Entrevistado: Conteúdo Técnico: Golpes fáceis em pé e no chão. O soto gari, o uchi gari, o goshi, koshi guruma, de ashi barai, tai otoshi. Depende da idade. quanto mais novo, menos golpe. Ne-waza Hon-kesa-gatame, kami-shiho-gatame, yoko-shiho-gatame. E bastante prática, principalmente no chão quando muito novo 50 por cento cada. Ne-Waza e Tachi-Waza.

Conteúdo não técnico: Exercícios de consciência corporal, coordenação. Aprendizagem motora e disciplina.

Pesquisador: Como esse conteúdo deve ser ensinado?

Entrevistado: Aos poucos, calma e paciência, método parcial e estilo tarefa e ou comando. Às vezes retro progressivo.

Pesquisador: Por que esse conteúdo deve ser ensinado?

Entrevistado: Acompanhar o desenvolvimento biológico e a maturação da criança.

Pesquisador: Para que esse conteúdo deve ser ensinado?

Entrevistado: Para a criança maximizar suas experiências motoras... e saber usar seu corpo, e sem duvida prepara-la para um aprendizado e exigência futura bem maior.



Competição

Pesquisador: Qual o objetivo das competições em geral?

Entrevistado: Da FPJ para crianças, não sei... talvez para... você sabe, já conversamos sobre isso. Mas imagino que as competições para crianças têm enfocar outras coisas, referente as suas idades... e não ver quem ganha e quem perde, quem é campeão e perdedor, primeiro ou ultimo. E sim possibilitar experiências e aprendizados diferentes e cobranças mais rígidas mostrar o caminho certo, e não simplesmente vitória ou derrota.

Competições para Criança Iniciante:

Pesquisador: Qual a idade ideal para os iniciantes crianças começarem a competir?

Entrevistado: Depende do tipo de competição. Festival interno com cinco anos é possível, no esquema medalhas para todos e sem caracterizar o vitorioso e melhor e o derrotado e pior da turma. Campeão e perdedor com dez anos para frente, porem com outras cobranças e não uma área de 12x12 metros com três caras de terno preto falando japonês...

Pesquisador: Qual o objetivo das competições para os iniciantes crianças?

Entrevistado: Vivenciar experiências diferentes e cobrar o aprendizado, e até mesmo uma reflexão do próprio professor de como ensina e se erra em alguma coisa no seu ensinamento. O aluno e professor aprendem.

Pesquisador: Como você acha que deve ser a competição para as crianças iniciantes com relação das regras?

.....



Entrevistado: [...], existe um livro de um espanhol o autor é Villamon... 1999, meu pai tem, eu comprei na Espanha e ele é do INEF, Instituto Nacional de Educação Física da Espanha, em Madrid, bom o livro dele é bem científico e explicativo em relação a Judô, ensino e aprendizado, de crianças até adultos.

Regras mais suaves... as quais as crianças entendam, e provoque um aprendizado e não muitas vezes um desgosto, e espanto para a criança e os pais... é um tema longo, as possibilidades são muitas, eu tenho experiências de outras lutas e regras, se for escrever vai ser muita coisa, se quiser podemos conversar sobre isso... mas em geral lutador de 90 Kilos Faixa preta com 20 anos de Tatami em um Campeonato Mundial é uma coisa, uma criança de 30 quilos seis anos de idade um ano de Tatami faixa branca, em um festival qualquer... a cobrança tem que ser outra!!

Pesquisador: Por que deve ser dessa maneira?

Entrevistado: Para provocar aprendizado praticar a praxis, pratica com reflexão, e não simplesmente a pratica pela pratica.



Entrevista Academia 03

Esta pesquisa tem fomento do CNPq e é realizada pela Faculdade de Educação Física da Universidade Estadual de Campinas. Contando exclusivamente com a participação totalmente voluntária, não remunerada e anônima dos sujeitos que decidirem participar da pesquisa respondendo o questionário estruturado áudio-grafado e permitindo o procedimento de observação assistemática, individual e não participante. Consideramos que esta pesquisa não oferece qualquer tipo de risco ou prejuízo para os voluntários. Esclarecemos sobre a liberdade de recusar a responder qualquer pergunta ou retirar o consentimento de colaboração a pesquisa, em qualquer momento, sem qualquer tipo de prejuízo ou penalização. A natureza da pesquisa e o tratamento dos dados coletados são puramente científicos. As perguntas abertas dizem respeito a sua opinião e devem conter tudo aquilo que considerar relevante.

Hoje é dia 20 de maio de 2004

Dados Pessoais:

Pesquisador: Data de nascimento e idade?

Entrevistado: 25/09/73. 30 anos.

Pesquisador: Sexo?

Entrevistado: Masculino.

Pesquisador: Nacionalidade?

Entrevistado: Brasileiro.

.....



Universidade Estadual de Campinas

Faculdade de Educação Física



Pesquisador: Naturalidade?

Entrevistado: Campinas, São Paulo.

Formação:

Pesquisador: Com que idade se deu sua iniciação esportiva na modalidade de Judô?

Entrevistado: Quatro anos.

Pesquisador: Quantos anos você praticou judô antes de se tornar professor?

Entrevistado: Quinze anos.

Pesquisador: Com que idade começou a exercer a função de professor?

Entrevistado: Dezenove anos.

Pesquisador: Qual era sua faixa quando você começou a exercer a função de professor?

Entrevistado: Preta primeiro dan.

Pesquisador: Qual sua formação acadêmica?

Entrevistado: Fisioterapeuta , especilaista em Fisioterapia Esportiva Unimep, mestrando em Ortopedia, Tramatologia e Reabilitação – USP.

Pesquisador: Com relação a sua formação profissional, você tem realizado algum tipo de curso?

Entrevistado: Em relação ao Judô leio periódicos especializados em treinamento desportivo especializado e livros como, por exemplo, do Emerson Franchini.

Pesquisador: Qual sua graduação no Judô?

Entrevistado: Shodan CBJ. San dan, USA Judo Federation.

Pesquisador: Qual é sua classificação enquanto arbitro na FPJ ou entidade superior (CBJ, FIJ)?

.....



Universidade Estadual de Campinas

Faculdade de Educação Física



Entrevistado: Reginal C.

Aulas para Crianças Iniciantes, considerando as categorias: mirim, infantil, infante-juvenil, pré-juvenil:

Pesquisador: Qual a duração de cada aula que você leciona?

Entrevistado: Uma hora.

Pesquisador: Quanto tempo de aula tem seus alunos nessa faixa etária antes do primeiro campeonato?

Entrevistado: Um ano.

Pesquisador: Qual é a frequência semanal de aula de seus alunos iniciantes crianças?

Entrevistado: Duas a três vezes por semana.

Pesquisador: Como é cada aula para a criança iniciante?

Entrevistado: Inicia -se com atividades de recreação na qual realizo o aquecimento prévio das mesmas em seguida treinamento de gestos específicos como camarão ,carangueijo tudo de caráter recreativo mas que simulam os gestos do Judo no solo. Logo após treinamento de quedas ushiro, yoko, mãe-ukemi treinamento de uchi-komi e lutas de solo em pé duração de três minutos em média com intervalos para hidratação etc...

Pesquisador: O que deve ser ensinado para a criança nessa fase na modalidade de Judô?

Entrevistado: acredito que nesta faixa etária o objetivo é introduzir a criança em uma modalidade esportiva na qual ela se sinta estimulada a interagir com os colegas da turma e aprender o Judô sem se dar conta de que na realidade o está. Outro ponto importante é demonstrar a origem do Judô, quem o fundou e por qual objetivo e um

.....



ótimo contato com os pais também é fundamental, mostrando os benefícios da prática do Judô como filosofia, pedagogia e desenvolvimento neuro-psico-motor da criança.

Pesquisador: Como esse conteúdo deve ser ensinado?

Entrevistado: Acredito que nesta faixa etária como disse, atividades de recreação que simulem o gesto esportivo e que estimulem a interação do grupo são muito mais importantes do que o critério técnico em si.

Pesquisador: Por que esse conteúdo deve ser ensinado?

Entrevistado: para a criança não abandonar o esporte precocemente por simples monotonia uma vez que a técnica vem através na repetição excessiva e exaustiva, não estando a criança nesta faixa etária preparada para tal objetivo.

Pesquisador: Para que esse conteúdo deve ser ensinado?

Entrevistado: Preparar a criança para fases mais avançadas com fim competitivo.

Competição

Pesquisador: Qual o objetivo das competições em geral?

Entrevistado: As competições no Judô assim como em outros esportes individuais tem o objetivo de você atingir metas pessoais através da busca de conquistas de torneios importantes. Com este simples objetivo você aprende lições para a vida como perseverança, determinação, humildade e fortalecimento da personalidade pois você quando atingi um certo nível técnico, a capacidade em lidar com pressões psicológicas aumenta levando estes exemplos para sua vida cotidiana.

.....



Competições para Criança Iniciante:

Pesquisador: Qual a idade ideal para os iniciantes crianças começarem a competir?

Entrevistado: Competições oficiais 14 a 16 anos

Pesquisador: Qual o objetivo das competições para os iniciantes crianças?

Entrevistado: Mirim, infantil, infante puramente interação com colegas de outras academias

Pesquisador: Como você acha que deve ser a competição para as crianças iniciantes com relação das regras?

Entrevistado: Totalmente diferente do que é hoje acredito que não deva ter ganhador ou perdedor de maneira alguma, todos devem apenas participar.

Pesquisador: Por que deve ser dessa maneira?

Entrevistado: Porque nesta idade não se deve e não se pode diferenciar o talentoso do não talentoso apenas pelo fato de vitória e derrota. O impacto para uma criança ver um ginásio lotado e receber qualquer tipo de cobrança referente ao seu desempenho é tolice e prejudicial.

.....



Universidade Estadual de Campinas

Faculdade de Educação Física



Entrevista Clube 01

Esta pesquisa tem fomento do CNPq e é realizada pela Faculdade de Educação Física da Universidade Estadual de Campinas. Contando exclusivamente com a participação totalmente voluntária, não remunerada e anônima dos sujeitos que decidirem participar da pesquisa respondendo o questionário estruturado áudio-grafado e permitindo o procedimento de observação assistemática, individual e não participante. Consideramos que esta pesquisa não oferece qualquer tipo de risco ou prejuízo para os voluntários. Esclarecemos sobre a liberdade de recusar a responder qualquer pergunta ou retirar o consentimento de colaboração a pesquisa, em qualquer momento, sem qualquer tipo de prejuízo ou penalização. A natureza da pesquisa e o tratamento dos dados coletados são puramente científicos. As perguntas abertas dizem respeito a sua opinião e devem conter tudo aquilo que considerar relevante.

Hoje é dia 17 de maio de 2004.

Dados Pessoais:

Pesquisador: Data de nascimento e idade?

Entrevistado: 29/05/66, 37 anos.

Pesquisador: Sexo?

Entrevistado: Masculino.

Pesquisador: Nacionalidade?

Entrevistado: Brasileiro.

.....

Fabiano Filier Cazetto R.A. 001655 29/07/11 Página 113 de 147



Pesquisador: Naturalidade?

Entrevistado: Campinas.

Formação:

Pesquisador: Com que idade se deu sua iniciação esportiva na modalidade de Judô?

Entrevistado: Dez anos.

Pesquisador: Quantos anos você praticou judô antes de se tornar professor?

Entrevistado: Sete anos.

Pesquisador: Com que idade começou a exercer a função de professor?

Entrevistado: 17 anos.

Pesquisador: Qual era sua faixa quando você começou a exercer a função de professor?

Entrevistado: Marrom.

Pesquisador: Qual sua formação acadêmica?

Entrevistado: Bacharel em Direito e Curso de Educação Física voltado para Judô, Kokushikan University.

Pesquisador: Com relação a sua formação profissional, você tem realizado algum tipo de curso?

Entrevistado: Sim, uma espécie de especialização na UNESP, Educação Física e uma pós em Gestão e Administração. Ambiental na UNICAMP.

Pesquisador: Qual sua graduação no Judô?

Entrevistado: Quarto Dan.

Pesquisador: Qual é sua classificação enquanto arbitro na FPJ ou entidade superior (CBJ, FIJ)?

.....



Universidade Estadual de Campinas

Faculdade de Educação Física



Entrevistado: Estadual.

Aulas para Crianças Iniciantes, considerando as categorias: mirim, infantil, infanto-juvenil, pré-juvenil:

Pesquisador: Qual a duração de cada aula que você leciona?

Entrevistado: Uma hora.

Pesquisador: Quanto tempo de aula tem seus alunos nessa faixa etária antes do primeiro campeonato?

Entrevistado: No mínimo faixa azul e acima dos 12 anos, aproximadamente um ano de treinamento.

Pesquisador: Qual é a frequência semanal de aula de seus alunos iniciantes crianças?

Entrevistado: Duas vezes por semana.

Pesquisador: Como é cada aula para a criança iniciante?

Entrevistado: Todo início é de forma recreativa, introduzindo o judô, técnicas gradativamente.

Pesquisador: O que deve ser ensinado para a criança nessa fase na modalidade de Judô?

Entrevistado: Exercícios para desenvolver a coordenação, lateralidade, flexibilidade etc.

Pesquisador: Como esse conteúdo deve ser ensinado?

Entrevistado: De forma recreativa através de exercícios lúdicos.

Pesquisador: Por que esse conteúdo deve ser ensinado?

Entrevistado: Para desenvolver a criança e facilitar o trabalho no futuro com um possível atleta de competição.

Pesquisador: Para que esse conteúdo deve ser ensinado?

.....



Entrevistado: Para melhorar o seu desenvolvimento como um todo e colher melhores resultados no futuro.

Competição

Pesquisador: Qual o objetivo das competições em geral?

Entrevistado: Como complemento do treinamento e auto-desenvolvimento.

Competições para Criança Iniciante:

Pesquisador: Qual a idade ideal para os iniciantes crianças começarem a competir?

Entrevistado: A partir dos 13 anos.

Pesquisador: Qual o objetivo das competições para os iniciantes crianças?

Entrevistado: Como complemento do treinamento.

Pesquisador: Como você acha que deve ser a competição para as crianças iniciantes com relação das regras?

Entrevistado: Os árbitros e as regras deveriam ser mais flexíveis, assim como a premiação deveria ser para todos.

Pesquisador: Por que deve ser dessa maneira?

Entrevistado: Para motivar mais as crianças, 13 anos, e não causar um impacto negativo em relação às primeiras competições.

.....



Entrevista Clube 02

Esta pesquisa tem fomento do CNPq e é realizada pela Faculdade de Educação Física da Universidade Estadual de Campinas. Contando exclusivamente com a participação totalmente voluntária, não remunerada e anônima dos sujeitos que decidirem participar da pesquisa respondendo o questionário estruturado áudio-grafado e permitindo o procedimento de observação assistemática, individual e não participante. Consideramos que esta pesquisa não oferece qualquer tipo de risco ou prejuízo para os voluntários. Esclarecemos sobre a liberdade de recusar a responder qualquer pergunta ou retirar o consentimento de colaboração a pesquisa, em qualquer momento, sem qualquer tipo de prejuízo ou penalização. A natureza da pesquisa e o tratamento dos dados coletados são puramente científicos. As perguntas abertas dizem respeito a sua opinião e devem conter tudo aquilo que considerar relevante.

Hoje é dia 23 de março de 2004.

Dados Pessoais:

Pesquisador: Data de nascimento e idade?

Entrevistado: 26 de Abril de 1977, vou fazer 27 já, daqui a pouquinho.

Pesquisador: Sexo?

Entrevistado: Masculino.

Pesquisador: Nacionalidade?

.....



Universidade Estadual de Campinas

Faculdade de Educação Física



Entrevistado: Brasileiro.

Pesquisador: Naturalidade?

Entrevistado: Campinas.

Formação:

Pesquisador: Com que idade se deu sua iniciação esportiva na modalidade de Judô?

Entrevistado: Sete anos.

Pesquisador: Quantos anos você praticou judô antes de se tornar professor?

Entrevistado: Antes...,ummm 20..., não, 20 não, 12, não, 13. Não mais? Não tenho a mínima idéia.

Pesquisador: Com que idade começou a exercer a função de professor?

Entrevistado: 17.

Pesquisador: Qual era sua faixa quando você começou a exercer a função de professor?

Entrevistado: Preta, primeiro Dan.

Pesquisador: Qual sua formação acadêmica?

Entrevistado: Sou formado, Educação Física.

Pesquisador: Com relação a sua formação profissional, você tem realizado algum tipo de curso?

Entrevistado: No momento não.

Pesquisador: Qual sua graduação no Judô?

Entrevistado: Sou terceiro Grau.

Pesquisador: Qual é sua classificação enquanto arbitro na FPJ ou entidade superior (CBJ, FIJ)?

Entrevistado: Nacional B.

.....



Universidade Estadual de Campinas

Faculdade de Educação Física



Aulas para Crianças Iniciantes, considerando as categorias: mirim, infantil, infanto-juvenil, pré-juvenil:

Pesquisador: Qual a duração de cada aula que você leciona?

Entrevistado: Uma hora.

Pesquisador: Quanto tempo de aula tem seus alunos nessa faixa etária antes do primeiro campeonato?

Entrevistado: Varia um pouco, varia, depende de quando que ele entra e da situação que ele esta, por que tem aqueles que tem mais predisposição pra coisa agente já libera antes. Mas geralmente de três a quatro meses.

Pesquisador: Qual é a frequência semanal de aula de seus alunos iniciantes crianças?

Entrevistado: Duas a três vezes por semana.

Pesquisador: Como é cada aula para a criança iniciante?

Entrevistado: Tem bastante parte lúdica, mas já com ênfase na parte técnica.

Pesquisador: O que deve ser ensinado para a criança nessa fase na modalidade de Judô?

Entrevistado: Conhecer todas as técnicas mais utilizadas, assim..., lógico em ordem crescente de dificuldade e todas as pegadas também tanto de direita quanto de esquerda.

Pesquisador: Como esse conteúdo deve ser ensinado?

Entrevistado: É não pode ser uma coisa muito repetitiva que eles perdem a concentração, assim, não tem tanta concentração, então você tem que estar sempre bolando coisa nova, mas sempre mantendo o conteúdo igual.

.....



Pesquisador: Por que esse conteúdo deve ser ensinado?

Entrevistado: Porque é importante.

Pesquisador: Para que esse conteúdo deve ser ensinado?

Entrevistado: Para que futuramente ele possa, essa criança, além dele ter as capacidades, as qualidades físicas bem trabalhadas eles terem mais facilidade para fazer qualquer tarefas ou exercício mais elaborado.

Competição

Pesquisador: Qual o objetivo das competições em geral?

Entrevistado: Em geral é dar experiência para a molecadinha.

Competições para Criança Iniciante:

Pesquisador: Qual a idade ideal para os iniciantes crianças começarem a competir?

Entrevistado: Oito anos para cima.

Pesquisador: Qual o objetivo das competições para os iniciantes crianças?

Entrevistado: Sociabilizar, ser mais independente dos pais, mais alguns outros assim, não tem assim, o principal objetivo não é ganhar. Pelo menos eu penso assim, o principal objetivo é eles se virarem mesmo sozinho, e conhecer mais gente.

Pesquisador: Como você acha que deve ser a competição para as crianças iniciantes com relação das regras?

Entrevistado: Tem que ser adaptado algumas coisas, tem muita coisa que..., mas eu acho que tem mudar principalmente não são as regras assim em si, são a mentalidade dos professores que ensinam uns

.....



Universidade Estadual de Campinas

Faculdade de Educação Física



golpes pros moleques que nem é a hora de ensinar ainda pro moleque ganhar a competição.

Pesquisador: Por que deve ser dessa maneira?

Entrevistado: Para não ficar, para não ter aquela pressão de que tem que ganhar entendeu, tem que, o moleque tem que derrubar, o moleque tem que ir lá um primeiro lugar se divertir, lógico ninguém quer perder, mas que seja uma consequência não que seja uma coisa assim na cabeça do moleque que ele tenha que fazer aquilo.



Entrevista Clube 03

Esta pesquisa tem fomento do CNPq e é realizada pela Faculdade de Educação Física da Universidade Estadual de Campinas. Contando exclusivamente com a participação totalmente voluntária, não remunerada e anônima dos sujeitos que decidirem participar da pesquisa respondendo o questionário estruturado áudio-grafado e permitindo o procedimento de observação assistemática, individual e não participante. Consideramos que esta pesquisa não oferece qualquer tipo de risco ou prejuízo para os voluntários. Esclarecemos sobre a liberdade de recusar a responder qualquer pergunta ou retirar o consentimento de colaboração a pesquisa, em qualquer momento, sem qualquer tipo de prejuízo ou penalização. A natureza da pesquisa e o tratamento dos dados coletados são puramente científicos. As perguntas abertas dizem respeito a sua opinião e devem conter tudo aquilo que considerar relevante.

Hoje é dia 28 de abril de 2004.

Dados Pessoais:

Pesquisador: Data de nascimento e idade?

Entrevistado: 11 do dez de 58. Meu nome é [...]. Idade 45.

Pesquisador: Sexo?

Entrevistado: Masculino.

Pesquisador: Nacionalidade?

.....



Universidade Estadual de Campinas

Faculdade de Educação Física



Entrevistado: Brasileiro.

Pesquisador: Naturalidade?

Entrevistado: Campinas.

Formação:

Pesquisador: Com que idade se deu sua iniciação esportiva na modalidade de Judô?

Entrevistado: Eu comecei em a praticar o Judô em agosto de 73 eu tava com 15 anos.

Pesquisador: Quantos anos você praticou judô antes de se tornar professor?

Entrevistado: Eu acabei praticando uns vinte anos.

Pesquisador: Com que idade começou a exercer a função de professor?

Entrevistado: Eu tinha trinta e..., trinta anos.

Pesquisador: Qual era sua faixa quando você começou a exercer a função de professor?

Entrevistado: Marrom.

Pesquisador: Qual sua formação acadêmica?

Entrevistado: Colegial agora agente chama de? Ensino Médio. A faculdade foi só alguns meses.

Pesquisador: Com relação a sua formação profissional, você tem realizado algum tipo de curso?

Entrevistado: Tenho, ainda mais agora com a exigência do CREF. Acabamos fazendo vários cursos. Vou começar de trás pra frente de marketing visando o trabalho dentro do Judô, fazendo..., foi um encontro científico, tivemos dois. Sobre..., tinha médicos, pessoal explicando sobre lesões no Judô. Sobre..., como condicionamento

.....



físico, o que preparar, instruções sobre alimentação. E os cursos específicos da Federação. Com parte técnica, parte disciplinar e história do Judô.

Pesquisador: Qual sua graduação no Judô?

Entrevistado: Terceiro Grau.

Pesquisador: Qual é sua classificação enquanto arbitro na FPJ ou entidade superior (CBJ, FIJ)?

Entrevistado: Arbitro Nacional C.

Aulas para Crianças Iniciantes, considerando as categorias: mirim, infantil, infanto-juvenil, pré-juvenil:

Pesquisador: Qual a duração de cada aula que você leciona?

Entrevistado: Uma hora.

Pesquisador: Quanto tempo de aula tem seus alunos nessa faixa etária antes do primeiro campeonato?

Entrevistado: Acho que eu deixo uns seis meses.

Pesquisador: Qual é a frequência semanal de aula de seus alunos iniciantes crianças?

Entrevistado: Três vezes por semana.

Pesquisador: Como é cada aula para a criança iniciante?

Entrevistado: Durante a semana três aulas eu estou dividindo assim as aulas de segunda-feira agente pratica o ne-waza (no chão), quarta-feira em pé (tati-waza) técnica em pé e sexta-feira um pouquinho do handori que é o treino livre pra o, daí trabalhando o chão e trabalhando em pé.

Pesquisador: O que deve ser ensinado para a criança nessa fase na modalidade de Judô?

.....



Entrevistado: Olha é mais a movimentação o deslocamento eu acho que é ajuntando a coordenação. E disciplinando para que eles tenha uma regra, de, de que o movimento é todo específico, é aquele movimento que eles não estão livres, é quase que obrigatório eles tarem fazendo aquele tipo de movimento. Que é uma preparação para os golpes. Que ele vai precisar repetir várias vezes pra poder fazer essa movimentação. Então esse trabalhinho, essa movimentação, esse rolamento, iniciação de como andar dentro do tatame. De como ele sentir o corpo dele eu acho que é o importante, por que daí a hora que ele vai sentindo o domínio. Que ele consegue ficar numa perna só, fazer uma cambalhota. Fazer uma estrela. Eu sinto que eles vão sentindo aquela, aquele domínio. Ai os golpes, quando agente começa a colocar as técnicas dentro do Judô ele já acaba ficando confiante e começa a soltar os golpes com mais perfeição.

Pesquisador: Como esse conteúdo deve ser ensinado?

Entrevistado: Tem que procurar ele ter essa coordenação, ele ter o domínio do corpo dele ele saber que ele tem controle de fazer certos movimentos que as vezes ele vê um pessoal maior fazer e acha que não pode fazer. O trabalho que eu ponho é assim: no aquecimento fazendo uns quinze minutos de aquecimento fazendo esses exercícios específicos para utilizar no golpe e normalmente agente vai fazer um determinado golpe numa aula eu faço um exercício quase que aproximando com aquele que eles vão utilizar. Por que daí a hora que solta o corp já aqueceu fazendo aquele movimento livre, a hora que ele fizer a pegada, estiver trabalhando com o companheiro do lado acho que ele vai conseguir utilizar com mais facilidade.

Pesquisador: Por que esse conteúdo deve ser ensinado?

.....



Entrevistado: Por que os golpes já têm um padrão, já tem uma maneira, mas cada um vai fazer do seu estilo. Então eu vou dar esse conteúdo para eles e solto depois a vontade. Vou lapidando, mostrando colocando numa posição melhor para dar uma alavanca. Pra fazer posição de braço, uma perna. Para que vá fortalecendo né, o seu corpo, a sua musculatura, ele vai tendo aquela coordenação, aquele ponto de equilíbrio dele.

Pesquisador: Para que esse conteúdo deve ser ensinado?

Entrevistado: A importância que eu acho disso daí é pra esse conhecimento do controle do corpo dele, quando ele vem aqui, sempre que eu já vou fazer algum rolamento, um exercicinho. O iniciante já fala: “eu acho que não vou conseguir”, que ele já vê um outro fazendo. Ai eu falo: “te vendo aquele rapazinho fazendo lá, claro que você vai conseguir fazer”. Ai ele começa a fazer, meio desengonçado, daí no segundo, terceiro ele já consegue acertar. Muito feliz.

Competição

Pesquisador: Qual o objetivo das competições em geral?

Entrevistado: Olha para esse pessoal iniciante eu peço para que faça a competição depois de mais ou menos uns seis meses de treinamento já ta confiante eles começa a ver por que, que ele está fazendo aquele exercício, por que, que eu obrigo ele a fazer aquela coisa certinha, por que ele tem que jogar o outro e não cair. Por que ai ele vai começar a sentir a parte da competitividade, por que uma hora eles acham que tudo eles podem, daí a hora que aparece um melhor e vem vencendo. Ele fala: ”pó” daí eu tenho que treinar um pouquinho mais para poder melhorar ou prestar mais atenção. E ele evolui no Judô, por que ali é uma situação real. Então, perde ninguém gosta de

.....



perder. É difícil colocar a molecada numa competição, perder sai chorando, como existe umas competições que acaba premiando sempre esses mais novos pra não sair tão infelizes. Mas é.., é duro a competição, mas é na parte da realidade que eles vão ver que quando cobrar na aula que ele tem que fazer aquele exercício correto, que ele tem que prestar mais atenção, tá mais atento, aí a competição é importante para isso aí, e motivar também ao treinamento, por que quando falar você tem que treinar para poder ganhar, pra poder vencer, para você se destacar, não é obrigado a ganhar, mas pelo menos não tá sendo sempre derrotado. Você ir lá e estar adquirindo mais confiança e na onde ele vai sentir é através da competição. É na onde vai estar ele e ele só, ele tem que tomar a decisão praticamente ali.

Competições para Criança Iniciante:

Pesquisador: Qual a idade ideal para os iniciantes crianças começarem a competir?

Entrevistado: Eu acho que dez anos.

Pesquisador: Qual o objetivo das competições para os iniciantes crianças?

Entrevistado: Esse estímulo do treinamento. Para ele...para manter, por que sempre que, quando vence, né. Ele vem muito mais motivado para a aula. Quando é derrotado ele vem para aula também, aí eu vou explicar, precisa permanecer nesse, treinamento, fortalecer esse treinamento, o cara ter mais atenção. Por que as vezes ele perde por que é falta de atenção, ou receio ou medo, né. Aí ele vai se superando, então eu acho que a competição é boa pra fazer ele sentir

.....



mais forte e poder se superar, e ele se superando ai eu acho que ai consegue superar o adversário também.

Pesquisador: Como você acha que deve ser a competição para as crianças iniciantes com relação das regras?

Entrevistado: As regras do Judô, ela é bem..., visa bem a proteção a segurança do atleta. Mas eu..., como agente têm utilizado a regra para esses iniciantes não são tão duras é bem maleável mesmo, os árbitros acabam instruindo o pessoal, como se fosse uma aula a competição para ele, por que vai ta aprendendo vai ta a pessoa diferente passando alguma coisa pra ele. E sempre, as vezes, uma aula que dou, você fala, fala, fala, fala ele não consegue assimilar. Ai vem um estranho, vem uma competição, se ta vendo quando eu falei que não era para acontecer aquela situaçãozinha lá, ai como um arbitro falou, um pessoal de fora, uma situação real que ele ta bem atento ali, ele absorveu bem aquilo lá. Então às vezes agente consegue ensinar uma situação pela repetição, você repete, repete, repete. Mas as vezes tem uns que não consegue assimilar mesmo sendo tantas vezes. Então chega numa parte da competição, um determinado coisa que você passou para ele e um estranho vem lá e passa dentro do ambiente do Judô né, um arbitro, um lateral, um outro técnico ele consegue absorver rapidinho aquilo lá.

Pesquisador: Por que deve ser dessa maneira?

Entrevistado: Pelo tempo que eu venho lidando com o pessoal, já passou varias gerações né, pessoal diferente, por que eles estão vazios, tudo que você passar tem que ser colocado ali e aquela sementinha tem que fixar. Por que eu acho que se ele não passa, não fixar ali, não ficar direto é aquele problema. Por isso que repete bastante vai

.....



calejando por que entra sai, entra por um ouvido sai pelo outro e essa maneira da repetição é o que eles vão pegar, por que não ouviu agora ta uma distração. Uma hora ele ta num outro estado ali concentrou um pouquinho mais ai pegou, ai se sentiu que ele pegou aquela parte já passa para uma outra e assim a evolução vai indo através disso.

Entrevista Escola 01

Esta pesquisa tem fomento do CNPq e é realizada pela Faculdade de Educação Física da Universidade Estadual de Campinas. Contando exclusivamente com a participação totalmente voluntária, não remunerada e anônima dos sujeitos que decidirem participar da pesquisa respondendo o questionário estruturado áudio-grafado e permitindo o procedimento de observação assistemática, individual e não participante. Consideramos que esta pesquisa não oferece qualquer tipo de risco ou prejuízo para os voluntários. Esclarecemos sobre a liberdade de recusar a responder qualquer pergunta ou retirar o consentimento de colaboração a pesquisa, em qualquer momento, sem qualquer tipo de prejuízo ou penalização. A natureza da pesquisa e o tratamento dos dados coletados são puramente científicos. As perguntas abertas dizem respeito a sua opinião e devem conter tudo aquilo que considerar relevante.

Hoje é dia 05 de maio de 2004.



Universidade Estadual de Campinas

Faculdade de Educação Física



Dados Pessoais:

Pesquisador: Data de nascimento e idade?

Entrevistado: 23 do dez de 77. 26 anos

Pesquisador: Sexo?

Entrevistado: Feminino.

Pesquisador: Nacionalidade?

Entrevistado: Brasileira.

Pesquisador: Naturalidade?

Entrevistado: Campinas.

Formação:

Pesquisador: Com que idade se deu sua iniciação esportiva na modalidade de Judô?

Entrevistado: Oito anos.

Pesquisador: Quantos anos você praticou judô antes de se tornar professor?

Entrevistado: Nove anos.

Pesquisador: Com que idade começou a exercer a função de professor?

Entrevistado: Aproximadamente 17 anos.

Pesquisador: Qual era sua faixa quando você começou a exercer a função de professor?

Entrevistado: Faixa preta.

Pesquisador: Qual sua formação acadêmica?

Entrevistado: Eu sou formada em Educação Física na Unicamp e tenho especialização na Eescola Paulista de Medicina.

.....



Pesquisador: Com relação a sua formação profissional, você tem realizado algum tipo de curso?

Entrevistado: Eu tenho realizado uma série de cursos que eu considero importantes pra formação tanto do Judô quanto da Educação Física em geral e atualmente eu estou fazendo uma matéria na pós-graduação da Unicamp de treinamento esportivo.

Pesquisador: Qual sua graduação no Judô?

Entrevistado: Sou faixa preta terceiro dan.

Pesquisador: Qual é sua classificação enquanto arbitro na FPJ ou entidade superior (CBJ, FIJ)?

Entrevistado: Estadual.

Aulas para Crianças Iniciantes, considerando as categorias: mirim, infantil, infanto-juvenil, pré-juvenil:

Pesquisador: Qual a duração de cada aula que você leciona?

Entrevistado: Eu acredito que a duração da aula tem que ser de acordo com os objetivos dela, é claro que uma aula como hoje na escola, agente tem que pensar o Judô da escola e não o Judô na escola, então as aulas tem que ser mais curtas de trinta a quarenta e cinco minutos no máximo e quando for num clube, quando as crianças estão com o objetivo de praticar o Judô mesmo acredito que tem que ser de 45 minuto a uma hora. E pra classe pré-juvenil pode chegar à uma hora e meia.

Pesquisador: Quanto tempo de aula tem seus alunos nessa faixa etária antes do primeiro campeonato?

Entrevistado: Antes do primeiro campeonato..., eu acredito que tem que ter pelo menos um mês, mas isso não tem uma relação com o

.....



tempo e sim tem uma relação com o aprendizado do aluno. Os alunos têm um tempo diferente de aprendizado, tem criança que aprende muito rápido, e também com relação às categorias, no mirim agente sabe que todo está mundo começando. Então é..., logo que a criança aprende a cair direitinho fazer os golpes se ela quiser agente coloca ela na competição, senão também não, isso não é uma coisa forçada. Mas nas categorias maiores infante e pré-juvenil ai precisa de um tempo maior, acredito que pelo menos estando na faixa azul, ou um faixa branca muito bem desenvolvido.

Pesquisador: Qual é a frequência semanal de aula de seus alunos iniciantes crianças?

Entrevistado: Na escola de uma a duas vezes por semana e pros outros até três vezes por semana.

Pesquisador: Como é cada aula para a criança iniciante?

Entrevistado: Eu acho que a aula tem que conter um aquecimento e esse aquecimento tem que ser feito principalmente com brincadeiras. A aula tem que ter um objetivo lúdico. Eu acho o Judô muito complicado de ser totalmente lúdico, por causa da segurança da criança principalmente. Eu tenho muito medo de fazer as aulas totalmente com brincadeiras e a criança estar se machucando, eles se empolgam e se machucam. Mas o quanto mais lúdica puder ser a aula melhor. E esse aquecimento principalmente tem que ser muito lúdico. E assim, a medida que vão avançando as aulas, acho que toda aula tem que ter uma parte das cambalhotas, dos ukemis principalmente nesta idade eles estarem se aperfeiçoando muito bem nas quedas para não se machucarem. E depois a parte principal com os golpes luta no chão luta em pé. E pros maiores onde você tem um espaço legal o handori.

.....



Pesquisador: O que deve ser ensinado para a criança nessa fase na modalidade de Judô?

Entrevistado: Eu acho que agente tem que ensinar principalmente a filosofia do Judô por que é isso que os pais esperam das crianças nesta fase, a maioria dos pais não esperam formar, não colocam o filho no Judô por que querem um filho campeão. Eles querem por que o filho é muito ativo, por que o filho tem problema da escola. Então acho que a parte filosófica tem que ser muito importante nesta aula e todos os fundamentos do Judô, os ukemis, as defesas, a parte básica do Judô ser desenvolvido um grande número de golpes para as crianças terem uma base muito boa para quando eles chegarem numa fase mais desenvolvida principalmente no junior e no sênior eles não tenham problemas de aprendizado e consigam desenvolver as técnicas com facilidade.

Pesquisador: Como esse conteúdo deve ser ensinado?

Entrevistado: Deve ser ensinado de uma forma lúdica e objetiva. Eh..., eu acredito que as aulas têm, apesar delas serem lúdicas, elas tem que ser preparadas, elas devem ser, não digo uma planificação de treinamento mas um planejamento, as aulas tem que ter um planejamento. Mesmo no Judô da escola tem que ter um planejamento, e seguindo esses objetivos essas aulas devem ser preparadas.

Pesquisador: Por que esse conteúdo deve ser ensinado?

Entrevistado: Principalmente para formar a base do judoca, o judoca deve ter uma base de conceitos muito bem formada para que ele possa, para que ele não tenha dificuldades de aprendizagem numa etapa posterior.

Pesquisador: Para que esse conteúdo deve ser ensinado?

.....



Entrevistado: Eu acho que para formação da pessoa mesmo, o Judô não tem que ser extremamente competitivo. Isso vai depender do objetivo, mas o objetivo inicial é para a formação do caráter como o Judô foi inventado pra isso. Agora se o objetivo da pessoa for o objetivo competitivo eu acredito que na fase do pré-juvenil isso já pode ser iniciado.

Competição

Pesquisador: Qual o objetivo das competições em geral?

Entrevistado: Eu acho que as competições têm o objetivo de motivar as crianças no treinamento do Judô eu acho que quando uma criança ganha uma medalha ela fica super empolgada e a leva a estar querendo participar de novo dos treinamentos e para ter um objetivo também, eu acho que tudo que você faz sem objetivo vira uma coisa jogada, então eu acho que as competições servem para as crianças buscarem algo mais na vida dela. Terem um objetivo de vida.

Competições para Criança Iniciante:

Pesquisador: Qual a idade ideal para os iniciantes crianças começarem a competir?

Entrevistado: Tudo vai depender de como é levada essa competição. Eu não sou contra a competição na infância. Eu acho que a nossa vida é uma competição. E as criança têm que competir o grande problema é: como é realizada essa competição. O que acontece hoje eu não concordo e como os principalmente os professores e os pais encaram essa competição. Acho que essa também que essa também é a coisa principal, sem cobrança, encarando isso como uma brincadeira, eles têm que ir lá para brincar e testar seu Judô. Ah e com que idade isso

.....



pode acontecer eu acredito que pode começar a partir dos sete anos, dessa forma como uma brincadeira. E a competição levada como é na competição mesmo eu acho que a partir de uns doze anos eu acho que já é, ele já tem uma estrutura para segurar isso.

Pesquisador: Qual o objetivo das competições para os iniciantes crianças?

Entrevistado: O objetivo das competições para as crianças é a brincadeira é ir lá brincar conhecer outras crianças é testar o seu Judô e colocar um objetivo na vida delas.

Pesquisador: Como você acha que deve ser a competição para as crianças iniciantes com relação das regras?

Entrevistado: Como regra geral ela deve seguir alguns conceitos básicos. Por exemplo, tirar alguns golpes que a gente considera que não sejam legais para essas crianças estarem aprendendo, por exemplo, eu não concordo com morote-gari, tani-otoshi, te-guruma. Agente não coloca esses golpes para eles estarem aprendendo só que eles levam esses golpes dos outros atletas na competição. Então eu acho que essa é uma primeira coisa que agente deveria estar pensando: que golpes deveriam ser aplicados nas competições para as crianças. Até mirim e infantil eu acredito que todo mundo que fosse na competição deveria ganhar um prêmio. Por que aí entra nessa coisa de brincadeira mesmo e todo mundo sai de lá feliz e sem problema. Eu acho que as competições de criança também deveriam ser realizadas só para as crianças. Que tivesse um caráter de competição para criança. E não aquela competição zona que a criança fica lá o dia inteiro esperando para lutar e fica nervoso e tudo mais. Acho que as competições deveriam ter, hoje é uma competição até infante ou

.....



Universidade Estadual de Campinas

Faculdade de Educação Física



infantil, então a competição vai ser toda com coisa pra criança e etc. Mas é claro que agente sabe que isso é muito difícil de ser aplicado e agente sabe que isso é muito difícil de ser aplicado e agente vai tentando com o tempo.

Pesquisador: Por que deve ser dessa maneira?

Entrevistado: Para ter o caráter lúdico e para ter o caráter da brincadeira, diminuir essa coisa da cobrança e do rendimento para essa idade.



Universidade Estadual de Campinas

Faculdade de Educação Física



Entrevista Escola 02

Esta pesquisa tem fomento do CNPq e é realizada pela Faculdade de Educação Física da Universidade Estadual de Campinas. Contando exclusivamente com a participação totalmente voluntária, não remunerada e anônima dos sujeitos que decidirem participar da pesquisa respondendo o questionário estruturado áudio-grafado e permitindo o procedimento de observação assistemática, individual e não participante. Consideramos que esta pesquisa não oferece qualquer tipo de risco ou prejuízo para os voluntários. Esclarecemos sobre a liberdade de recusar a responder qualquer pergunta ou retirar o consentimento de colaboração a pesquisa, em qualquer momento, sem qualquer tipo de prejuízo ou penalização. A natureza da pesquisa e o tratamento dos dados coletados são puramente científicos. As perguntas abertas dizem respeito a sua opinião e devem conter tudo aquilo que considerar relevante.

Hoje é dia 17 de maio de 2004.

Dados Pessoais:

Pesquisador: Data de nascimento e idade?

Entrevistado: 05/08/1981, tenho 22 anos.

Pesquisador: Sexo?

Entrevistado: Masculino

Pesquisador: Nacionalidade?

Entrevistado: Brasileiro.

.....

Fabiano Filier Cazetto R.A. 001655 29/07/11 Página 137 de 147



Pesquisador: Naturalidade?

Entrevistado: Campinas.

Formação:

Pesquisador: Com que idade se deu sua iniciação esportiva na modalidade de Judô?

Entrevistado: Sete anos.

Pesquisador: Quantos anos você praticou judô antes de se tornar professor?

Entrevistado: 11 anos.

Pesquisador: Com que idade começou a exercer a função de professor?

Entrevistado: 18 anos.

Pesquisador: Qual era sua faixa quando você começou a exercer a função de professor?

Entrevistado: Preta, shodan.

Pesquisador: Qual sua formação acadêmica?

Entrevistado: Superior. Educação Física.

Pesquisador: Com relação a sua formação profissional, você tem realizado algum tipo de curso?

Entrevistado: Os cursos da Federação em geral, alguns seminários de Judô promovidos no estado de São Paulo.

Pesquisador: Qual sua graduação no Judô?

Entrevistado: Preta, nidan.

Pesquisador: Qual é sua classificação enquanto arbitro na FPJ ou entidade superior (CBJ, FIJ)?

Entrevistado: Regional.

.....



Aulas para Crianças Iniciantes, considerando as categorias: mirim, infantil, infanto-juvenil, pré-juvenil:

Pesquisador: Qual a duração de cada aula que você leciona?

Entrevistado: De cinco a sete anos meia hora, não leciono aulas para alunos com mais de sete anos.

Pesquisador: Quanto tempo de aula tem seus alunos nessa faixa etária antes do primeiro campeonato?

Entrevistado: Meus alunos não participam de Campeonatos.

Pesquisador: Qual é a frequência semanal de aula de seus alunos iniciantes crianças?

Entrevistado: Uma vez por semana.

Pesquisador: Como é cada aula para a criança iniciante?

Entrevistado: Normalmente tem muita brincadeira e algumas crianças gostam muito de lutar.

Pesquisador: O que deve ser ensinado para a criança nessa fase na modalidade de Judô?

Entrevistado: Deve-se ensinar a brincar de lutar e a respeitar o adversário controlando a sua agressividade, aprender a cuidar do companheiro de luta.

Pesquisador: Como esse conteúdo deve ser ensinado?

Entrevistado: De maneira a propiciar a criança o contato com a luta mas sem obrigá-la, para que ela não se traumatize, mas sim aprenda a o Judô como uma possibilidade, para que mesmo se ela não se tornar competidor ela respeite o mundo dos lutadores.

Pesquisador: Por que esse conteúdo deve ser ensinado?

Entrevistado: Por que a criança necessita de contato físico e na escola ela fica muito isolada, os professores vão fazendo as crianças ficarem

.....



cada vez mais afastadas, qualquer contato já é briga e implica em castigo. Além disso muitas crianças não tem muito contato com os pais e o Judô pode dar esse contato mais próximo sem tanta barreira física.

Pesquisador: Para que esse conteúdo deve ser ensinado?

Entrevistado: Para que a criança aprenda a cuidar do companheiro, aprenda a administrar sua força, seja responsável pela força que tem. E para os mais indefesos para aprender a se defender um pouco, aprender que nem sempre vai ter alguém para tirar o outro que tá batendo nele. Ah e para ter consciência corporal.

Competição

Pesquisador: Qual o objetivo das competições em geral?

Entrevistado: Acho que é mais para aprendermos a perder, por que a maioria perde, assim agente aprende que não está certo sempre.

Competições para Criança Iniciante:

Pesquisador: Qual a idade ideal para os iniciantes crianças começarem a competir?

Entrevistado: Depende, da maneira que as competições são hoje acho que mesmo um adulto com 30 anos ia ter muito medo a entrar pela primeira vez no tatame, quanto mais uma criança com o pai a mãe e os colegas olhando. Acho que o mais importante não é a idade mais sim adaptações para os iniciantes. Mas se tiver que por uma idade talvez uns 14 anos, mas também se não for gradual vai ser um choque do mesmo jeito.

Pesquisador: Qual o objetivo das competições para os iniciantes crianças?

.....



Entrevistado: Da maneira que são hoje acho que só serve para ganhar dinheiro e para fazer pirâmide esportiva. Mas se fosse adaptada, e mesmo como é hoje, serve para perder o medo, aprender a perder.

Pesquisador: Como você acha que deve ser a competição para as crianças iniciantes com relação das regras?

Entrevistado: Acho que a regra deveria propiciar aprender o Judô completo, por que nesta idade a luta é feia mesmo, não adianta dar falta.

Pesquisador: Por que deve ser dessa maneira?

Entrevistado: Por que a criança nem aprendeu direito os golpes e já tem que fazer rápido, além disso ela não consegue virar o adversário rápido no chão. E se ela toma um ippom no começo ela já tem que voltar para casa depois de ter acordado cedo e muita vezes passando fome por que estava acima do peso.

Entrevista Escola 03

Esta pesquisa tem fomento do CNPq e é realizada pela Faculdade de Educação Física da Universidade Estadual de Campinas. Contando exclusivamente com a participação totalmente voluntária, não remunerada e anônima dos sujeitos que decidirem participar da pesquisa respondendo o questionário estruturado áudio-grafado e permitindo o procedimento de observação assistemática, individual e não participante. Consideramos que esta pesquisa não oferece qualquer tipo de risco ou prejuízo para os voluntários. Esclarecemos



Universidade Estadual de Campinas

Faculdade de Educação Física



sobre a liberdade de recusar a responder qualquer pergunta ou retirar o consentimento de colaboração a pesquisa, em qualquer momento, sem qualquer tipo de prejuízo ou penalização. A natureza da pesquisa e o tratamento dos dados coletados são puramente científicos. As perguntas abertas dizem respeito a sua opinião e devem conter tudo aquilo que considerar relevante.

Hoje é dia 23 de abril de 2004.

Dados Pessoais:

Pesquisador: Data de nascimento e idade?

Entrevistado: 23 de agosto de 1975. 28 anos.

Pesquisador: Sexo?

Entrevistado: Masculino.

Pesquisador: Nacionalidade?

Entrevistado: Brasileiro.

Pesquisador: Naturalidade?

Entrevistado: Campinas.

Formação:

Pesquisador: Com que idade se deu sua iniciação esportiva na modalidade de Judô?

Entrevistado: Por volta dos 12 anos de idade.

Pesquisador: Quantos anos você praticou judô antes de se tornar professor?

Entrevistado: Aproximadamente seis anos.

Pesquisador: Com que idade começou a exercer a função de professor?

.....

Fabiano Filier Cazetto R.A. 001655 29/07/11 Página 142 de 147



Universidade Estadual de Campinas

Faculdade de Educação Física



Entrevistado: Aos dezoito anos.

Pesquisador: Qual era sua faixa quando você começou a exercer a função de professor?

Entrevistado: Roxa.

Pesquisador: Qual sua formação acadêmica?

Entrevistado: Sou formado, bacharel em Educação Física pela Unicamp.

Pesquisador: Com relação a sua formação profissional, você tem realizado algum tipo de curso?

Entrevistado: Atualmente não.

Pesquisador: Qual sua graduação no Judô?

Entrevistado: Faixa marrom.

Pesquisador: Qual é sua classificação enquanto arbitro na FPJ ou entidade superior (CBJ, FIJ)?

Entrevistado: Não arbitro. Atuação como mesário só.

Aulas para Crianças Iniciantes, considerando as categorias: mirim, infantil, infanto-juvenil, pré-juvenil:

Pesquisador: Qual a duração de cada aula que você leciona?

Entrevistado: As aulas têm duração de acordo com a faixa etária de quarenta minutos a cinquenta minutos.

Pesquisador: Quanto tempo de aula tem seus alunos nessa faixa etária antes do primeiro campeonato?

Entrevistado: No caso eles nunca participaram de nenhuma competição. Por enquanto não tenho esse foco. Então não tenho um tempo estipulado para isso.

.....



Pesquisador: Qual é a frequência semanal de aula de seus alunos iniciantes crianças?

Entrevistado: Duas vezes por semana.

Pesquisador: Como é cada aula para a criança iniciante?

Entrevistado: As crianças iniciantes eu procuro ter um trabalho voltado para o desenvolvimento global da criança e não focando a especificidade do Judô, lógico os elementos do Judô aparecem, até como justificativa do próprio trabalho. Mas o foco principal está voltado no desenvolvimento do desenvolvimento motor, adquirir o vocabulário motor, pra poder posteriormente estar trabalhando os elementos específicos.

Pesquisador: O que deve ser ensinado para a criança nessa fase na modalidade de Judô?

Entrevistado: Eu acho que uma das principais atividades para as crianças são as questões relacionadas às quedas, a parte de quedas. E procurar explorar bastante os elementos de ginástica olímpica, que são elementos muito parecidos com essas questões, as cambalhotas as estrelas, os giros. Todas as formas possíveis de se explorar isso, para que a criança consiga ter esse vocabulário antes de entrar na parte específica de golpes para que ela realmente aprenda a cair dentro do Judô.

Pesquisador: Como esse conteúdo deve ser ensinado?

Entrevistado: Acho que da forma mais pedagógica possível. Eu acredito muito na questão lúdica, trabalhar bastante brincadeiras, de forma que o exercício específico não esteja focado naquele momento, mas sim de forma indireta. De maneira que a criança possa aprender brincando, até sem perceber. Ela vai adquirir esse

.....



vocabulário com as próprias brincadeiras, com alguns elementos de atividade específica também, mas muito superficialmente.

Pesquisador: Por que esse conteúdo deve ser ensinado?

Entrevistado: Eu acho que, como uma forma preparatória para atividade específica de acordo com as faixas etárias. De acordo com o grau de evolução que eu acredito ser coerente com o tempo e com mais de mais dez anos na prática, dando aula, tem funcionado bem, então a parte lúdica as brincadeiras elas tem um papel fundamental no desenvolvimento global e no desenvolvimento posterior específico.

Pesquisador: Para que esse conteúdo deve ser ensinado?

Entrevistado: Com o objetivo de ensinar a prática do Judô mesmo, o Judô específico.

Competição

Pesquisador: Qual o objetivo das competições em geral?

Entrevistado: Em geral eu acho que as competições têm o objetivo de desenvolver o esporte, o Judô enquanto esporte porem na minha visão para essa faixa etária em não gosto de trabalhar a questão competitiva, apesar desse elemento estar presente dentro das aulas. Mas uma competição específica mesmo montada para ele, ainda isso não foi pensado. Por que acredito que não é o momento, não é a hora para eles.

Competições para Criança Iniciante:

Pesquisador: Qual a idade ideal para os iniciantes crianças começarem a competir?

.....



Entrevistado: Acho difícil especificar a questão da idade, acho que a grande preocupação é não fazer a criança queimar etapas. Então com relação a competição eu penso que o desenvolvimento precoce é interessante mais a especialização precoce não. Então eu acho que a competição esta mais próximo dessa especialização precoce ou de uma especialização mesmo. Então eu acho que para crianças de até dez, doze anos eu não gosto da idéia de trabalhar competição só pela competição. Não que ela não possa aparecer dentro das aulas como um handori que é uma competição de certa forma, mas não estruturada com premiação, classificação. Mas uma competição que simule a competição do dia a dia mesmo. Aquela competição que aparece na sua vida. Então eu gosto de fazer essa analogia do Judô com a vida das crianças. Sendo que muito desses elementos vão aparecer pro resto da vida com elas.

Pesquisador: Qual o objetivo das competições para os iniciantes crianças?

Entrevistado: Eu sou contra.

Pesquisador: Como você acha que deve ser a competição para as crianças iniciantes com relação das regras?

Entrevistado: Eu não sou a favor da competição, mas se tivesse que ter eu creio que as regras principais seria primeiro trabalhar antes de mais nada com as crianças a questão da filosofia do Judô a lealdade entre as crianças a honestidade e dentro de uma competição específica acho que as regras do Judô que são estabelecidas para os adultos tem que ser estabelecidas para as crianças. Mas com uma certa flexibilidade, agente não pode ser muito rígido a questão de pontuação, a seguir as mesmas normas de tempo. Acho que essas

.....



regras deveriam ser mais flexíveis, mais maleáveis, acho que não cabe trabalhar essa competição assim como se trabalha para o adulto. Mas relacionado com o que eu falei sobre a especialização precoce eu sou a favor da estimulação precoce.

Pesquisador: Por que deve ser dessa maneira?

Entrevistado: Eu que a estimulação precoce ela vai estar desenvolvendo a criança de forma a global não só para o Judô, mas para outras atividades, agente não sabe se uma criança que tem aí quatro, cinco, seis anos, até os seus dez anos se é isso mesmo que ela quer pra vida dela, se esse é o esporte que ela vai praticar pro resto da vida. O judô é extremamente enriquecedor por que eu acredito que é uma das lutas que mais se encaixa dentro da escola por suas características, eu acho que ele vai dar subsídio para essas crianças tanto na parte esportiva quanto na parte psicológica, quanto na parte de sociabilização entre as crianças, o Judô permite esse contato mais próximo, até pela forma como a luta é a modalidade é, de haver o contato mesmo, eu acho que esse tipo de relação cria é importante não só para o Judô, mas é importante para qualquer coisa que as crianças vão fazer na vida delas e depois enquanto adulto.